

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**Martina Pereira Gomes**

**EDUCAÇÃO E TRABALHO INFANTO-JUVENIL – um recorte no Estado da  
Arte**

**Porto Alegre  
2º Semestre  
2010**

**Martina Pereira Gomes**

**EDUCAÇÃO E TRABALHO INFANTO-JUVENIL – um recorte no Estado da  
Arte**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial obrigatório para a obtenção do título em Licenciatura em Pedagogia.

**Orientadora:**

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Laura Souza Fonseca**

**Porto Alegre**

**2º Semestre**

**2010**

## AGRADECIMENTOS...

Dedico este trabalho à minha mãe, por me ajudar a atribuir materialidade na construção de uma sociedade de libertação das mulheres, de tempo livre, felicidade e trabalho desalienado. Sendo simbólico meu café matinal antes da jornada de estudos e militância, de uma vida toda.

Ao meu pai pela construção da consciência histórica de classes, pelos desafios e pelos exemplos de vida.

Ao meu irmão, meu companheiro inseparável.

Às minhas amigas de infância, irmãs que encontrei na minha vida, que partilhei toda uma caminhada, de muitas diferenças, mas de união em momentos de alegrias e tristezas.

Ao grupo de pesquisa que me iniciou no marxismo, e foi fundamental na minha constituição de militante revolucionária. Em especial, à minha orientadora, que sempre em uma relação fraterna e honesta, foi tão importante para que eu compreendesse o marxismo enquanto teoria e prática.

À oportunidade de vivenciar um espaço de formação mais humana que se constitui no Diretório Acadêmico da Faculdade de Educação, que foi indispensável na construção de um sentido para a docência.

Às mulheres e aos homens que compuseram a *gestão Lutar Também é Educar, DAFE/UFRGS*.

A todos os homens e mulheres, que no cotidiano me ensinaram o valor e o sentido da palavra COMPANHEIRO, demonstrando que é possível constituir outras relações, mais humanas, mais plenas e sinceras. À estes que dedicam sua vida à construção de um instrumento de libertação da classe trabalhadora, o partido mundial.

***Não se trata de escolher entre  
cegueira e traição. Mas entre  
ver e fazer de conta que  
nunca vi ou dizer da dor que  
vejo para ajudá-la a ter fim, já  
faz tempo que escolhi.***

**Thiago de Mello**

## RESUMO

A partir da Revolução Industrial, a exploração do trabalho infanto-juvenil se configura como um elemento *mutilador da vida* (Fonseca, 2008) de crianças e adolescentes, perpetuando-se até hoje. No Brasil atualmente, cerca de 4,5 milhões de pessoas entre 5 e 17 anos exercem algum tipo de trabalho (PNAD 2008). A materialidade da exploração da força de trabalho de crianças e adolescentes é um fenômeno social que tem seus atravessamentos no processo educacional. Nesta faixa-etária, estes sujeitos devem encontrar-se em processo de formação na educação básica, lócus de nossa profissão. Dada a relevância social da temática *trabalho infanto-juvenil*, tenho como objetivo captar o movimento de construção do fenômeno da educação nas teses inseridas na pesquisa referência, em relação a temática central. Este trabalho configura-se enquanto um recorte de uma pesquisa mais ampla denominada: *O estado da arte do Trabalho Infanto-juvenil nas Instituições de ensino Superior da Região Metropolitana de Porto Alegre/RS*. O estado da arte é uma metodologia utilizada com objetivo principal de organização teórica de um campo e/ou temática específica; no recorte de pesquisa para o TCC, utilizamos como metodologia revisão bibliográfica, revisão teórica e análise de conteúdo. As análises sobre o fenômeno da educação na produção investigada apontam na perspectiva de um esvaziamento do sentido educacional para sujeitos infanto-juvenis que tem sua força de trabalho explorada.

**Palavras-chave:** educação, trabalho infanto-juvenil, estado da arte.

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b> .....	7
<b>2. A problemática em Estudo</b> .....	9
2.1 O materialismo Histórico .....	9
2.2 A origem do problema .....	9
2.3 Delimitação do Problema .....	10
2.4 Importância do Problema .....	10
2.5 O que é trabalho? .....	12
2.6 Historicidade do Trabalho Infanto-juvenil .....	14
2.7 Luta por Direitos Infanto-juvenis .....	16
<b>3. O Estado da Arte como campo de análise</b> .....	19
3.1 Metodologias de Tipo Estado da Arte .....	19
3.2 Situação da Pesquisa Referência .....	25
<b>4. O Fenômeno Trabalho Infanto-Juvenil e as concepções de educação que emergem do campo</b> .....	27
4.1 Da análise do Quadro .....	29
<b>5. Pensando dialeticamente o que vimos....</b> .....	41
<b>6. Referências</b> .....	47
<b>7. Anexos</b> .....	48

## 1. INTRODUÇÃO

As idéias da classe dominante são, em todas as épocas, as idéias dominantes, ou seja, a classe que é o poder material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, o seu poder espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios para a produção material dispõe assim, ao mesmo tempo, dos meios para a produção espiritual, pelo que lhe estão assim, submetidas em média as idéias daqueles a quem faltam os meios de produção espiritual. As idéias dominantes não são mais do que expressão ideal das relações materiais dominantes, as relações materiais dominantes concebidas como idéias; (...) Os indivíduos que constituem a classe dominante também têm, entre outras coisas, consciência, e daí que pensem; na medida, portanto, em que dominam como classe e determinam todo o conteúdo de uma época histórica, é evidente que o fazem em toda sua extensão, e portanto, entre outras coisas, dominam também como pensadores, como produtores de idéias, regulam a produção e a distribuição de idéias do seu tempo; que, portanto, as suas idéias são as ideais dominantes da época. <sup>1</sup>

### *Um convite à leitura.*

Como afirmo na citação acima, de Ideologia Alemã (Marx e Engels, 2007), é no embate cotidiano de uma sociedade de classes, que se dá a disputa pela hegemonia na produção do conhecimento. Importante elemento para compreender o porque da minha análise ter como empiria teses, especificamente, tese sobre trabalho infanto-juvenil, produzidas na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Este trabalho de conclusão de curso configura-se enquanto um recorte de uma pesquisa de Iniciação científica <sup>1</sup>, da qual sou bolsista desde 2008/02, que tem como intuito constituir um estado da arte do trabalho infanto-juvenil na Região Metropolitana de Porto Alegre. Neste caso, realizo minha monografia, com a delimitação de tempo, em analisar quatro teses que tem como temática o trabalho infanto-juvenil e que foram produzidas na área da educação.

---

<sup>1</sup> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia Alemã. Coleção A Obra-Prima de Cada Autor. São Paulo: Martin Claret, 2007, p.78.

Meu problema de pesquisa é compreender, dentro de todas estas delimitações, de que forma vem se construindo o fenômeno da educação em teses de temática T.I.J. Isto, porque baseada em dados do IBGE, e na realidade estudada pelo meu grupo de pesquisa em uma comunidade de Porto Alegre, o que visualizamos é a pertinência da exploração do trabalho infanto-juvenil como elemento atravessador do processo educacional.

Logo, como parte de uma análise mais ampla deste intelectual coletivo que se formou (Trabalho e Formação Humana), questiono-me sobre o reflexo da realidade do trabalho infanto-juvenil na produção acadêmica. Observando tendências gerais do debate teórico feito nesta relação.



## **2. A PROBLEMÁTICA EM ESTUDO**

O trabalho no campo Trabalho e Educação, nos proporcionam uma amplitude de temáticas específicas a serem abordadas. Porém esta pesquisa por suas limitações temporais, deve apresentar qual a delimitação do problema em questão, para que na medida do que se torne possível, aprofundemos nossa compreensão sobre os fenômenos em questão.

### **2.10 MATERIALISMO HISTÓRICO**

Somente é possível compreender, de forma científica, a situação política e econômica dos dias atuais e seus reflexos no campo da Educação, em particular do Trabalho e da Educação, como resultante do processo histórico. Isto é, das transformações das forças produtivas e da luta de classes.

Para compreender os efeitos da globalização nas relações do mundo do trabalho atualmente, em específico a exploração do trabalho infanto-juvenil, precisa-se, necessariamente abordar aspectos básicos do Materialismo Histórico, como a historicidade e os modos de produção vivenciados pela humanidade.

Os modos de produção na perspectiva que Saviani (2007) apresenta sobre a educação que se transforma a partir da alteração dos modos de produção da existência.

Somente tendo o materialismo histórico e dialético nas mãos é que se poderá ter uma visão abrangente e interconectada sobre as transformações que vem ocorrendo no mundo do trabalho e na educação atual.

### **2.2 A ORIGEM DO PROBLEMA**

O foco de pesquisa deste trabalho de conclusão de curso surge a partir da necessidade de uma organização teórica sobre a temática trabalho infanto-juvenil, objeto de pesquisa mais ampla da qual a autora desta produção faz parte.

Nosso recorte de pesquisa está baseado em três aspectos fundamentais: a amplitude possível de leituras analíticas da produção pesquisada, limitada pelo tempo disponível; a opção metodológica pelo recorte de teses de doutorado da área das ciências humanas; o lócus destas obras na área da educação. Partimos destes três delimitadores para formar nosso problema de pesquisa que centralmente questiona: *De que forma os conceitos de trabalho infanto-juvenil e de educação aparecem nas produções do Estado da Arte do Trabalho infanto-juvenil na Região Metropolitana de Porto Alegre? Qual o movimento de construção do fenômeno da educação nas teses da pesquisa referencia que são possíveis de observar?*

### 2.3 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

Neste breve trabalho não temos a pretensão de esgotar os questionamentos a respeito da temática, principalmente porque compreendemos tanto o trabalho infanto-juvenil quanto a educação como fenômenos sociais, e portanto em constante movimento.

A junção destes dois fenômenos não é casual e nem de motivação empírica tão somente. Enquanto um curso de formação de professores, nossa investigação pretende compreender através das teses analisadas, de que forma a educação vem se relacionando com o trabalho infanto-juvenil na produção acadêmica. Analisar esta relação, nos proporcionará visualizar algumas tendências que circundam estes dois conceitos, a partir da visão de especialistas na área da educacional.

### 2.4 A IMPORTÂNCIA DO PROBLEMA

É a partir da Revolução Industrial, no século XIX, na Inglaterra, que segundo Karl Marx (O capital I), tem início a utilização da força de trabalho infanto-juvenil e de mulheres na produção. Este processo que para as mulheres impõe uma dupla jornada dividindo-se entre o trabalho na fábrica e o doméstico, para as

crianças e os adolescentes expressa uma condição de impossibilidade de ser infantil, com jornadas de trabalho de até dezesseis horas.

É um longo período histórico que tem sua continuidade nos dias atuais. Confrontando com empirias retiradas de trabalhos de extensão universitária do grupo Trabalho e Formação Humana da Faculdade de Educação da UFRGS, que tem como foco escolas pública, espaços não-escolares e políticas de erradicação do trabalho infanto-juvenil; com dados do IBGE sobre a existência do trabalho infanto-juvenil em nosso país é que reafirmamos a materialidade da exploração da força de trabalho de sujeitos infanto-juvenis no século XXI.

Os dados da última PNAD 2008 demonstram que 4,5 milhões de crianças e adolescentes entre cinco e dezessete anos encontram-se exercendo algum tipo de trabalho. Ou seja, 10,2% da população entre cinco e dezessete anos de idade tem a sua força de trabalho explorada na atualidade brasileira. Os locais de trabalho destes sujeitos, segunda estes dados oficiais, são majoritariamente o doméstico e agrícola.

Nosso grupo de Pesquisa Trabalho e Formação Humana, tem realizado ações extensionistas em uma grande comunidade da periferia de Porto Alegre, na qual a professora coordenadora do grupo já tem mais de dez anos de inserção. Nosso trabalho de extensão tem sido realizado prioritariamente em duas estruturas: a escola pública e o trabalho de apoio sócio-educativo (contra-turno). Atravessados pela análise das políticas de governo de erradicação do trabalho infanto-juvenil, na perspectiva de enxergar a real efetivação dessas políticas para os sujeitos que se encontram nessas duas estruturas.

Dentre muitos apontamentos da realidade de crianças e adolescentes expostos ao trabalho infanto-juvenil naquela comunidade, o que tem persistido em nossas análises é a insalubridade dos locais de trabalhos destes sujeitos. Se, na época da Revolução Industrial o principal uso da força de trabalho infanto-juvenil eram nas produções das grandes e pequenas fábricas da indústria moderna, o que temos hoje são novas configurações.

Crianças e adolescentes trabalham, freqüentemente, nos grandes centros e periferias urbanas, como catadores de lixo, olheiros do tráfico,

submetidos à exploração sexual, trabalho doméstico e etc. Este tipo de trabalho resulta em degradações físicas e mentais, oferecendo risco de vida e comprometendo gravemente o desenvolvimento destes sujeitos.

Diante deste quadro, ao processo educacional brasileiro é agregado o elemento trabalho infanto-juvenil. Isto se dá tanto na educação básica na forma de presente, quanto na educação de jovens e adultos como consequência de um passado.

A análise da produção teórica, através de teses que compõe o banco de dados da pesquisa referencia, é mister na contribuição que pode fornecer para compreensão da produção do conhecimento sobre o fenômeno.

## 2.5 O QUE É TRABALHO?

Atualmente, a palavra trabalho tem sido empregada de forma por vezes vaga e imprecisa. Pronunciada pelo seu sentido de ausência, enquanto mercado de trabalho, confunde-se com o sentido de emprego e a sua falta. Estes sentidos diversos com variados significados se faz presente, também, na literatura sobre a temática.

O trabalho, na concepção marxista, é categoria central da vida e constituição do ser humano. Tornou-se comum nos últimos tempos, a expressão *fim do trabalho*, fortalecendo o conceito de emprego, porém para nós isto é nada mais que uma disputa política no campo da semântica, que carrega consigo uma concepção de mundo. Advém desta discussão a importância de expressar qual nosso conceito de trabalho, e porque nos opomos ao discurso predominante de fim da centralidade do trabalho.

Compreender o caráter contraditório do trabalho, tarefa empreendida por Marx, é necessário para contrapormos concepções diferentes e conflituosas sobre o trabalho. Para Marx, o trabalho é historicamente determinado, sendo historicamente determinado é a única forma de trabalho existente, referente ao modo de produção vigente. A contradição do trabalho apresentada por Marx coloca-o como uma manifestação da vida e também como expropriação de vida.

O que sustenta o discurso de “fim da centralidade do trabalho”, é também uma idéia positivista desta categoria, como um idealismo que só enxerga a parte “criadora do sujeito humano”. No marco da abstração, observando somente os pontos positivos do trabalho, que ao deparar-se com a forma capitalista de exploração do trabalho, acredita que se finaliza seu potencial ontológico de constituição do ser humano.

Em Frigotto (2005), temos a materialidade deste debate, com a “dupla face do trabalho – criação e destruição da vida”, quando o autor se coloca esta discussão e exprime o caráter contraditório do trabalho na sociedade capitalista. O trabalho criador da vida humana, é atrelado as suas duas dimensões distintas, já expostas por Marx: trabalho como mundo da necessidade e trabalho como mundo da liberdade. Sendo o primeiro aspecto relacionado com a condição de sobrevivência dos seres humanos e a necessidade biológica e social de produzir para isto. E a segunda dimensão da centralidade, do trabalho como principio educativo, como o mesmo nos diz um dever a ser aprendido, socializado desde a infância, debate que nos atinge diretamente nesta pesquisa, segundo Frigotto (2005, p.15):

Trata-se de apreender que o ser humano – como ser natural – necessita elaborar a natureza, transformá-la, e pelo trabalho extrair dela bens úteis para satisfazer as suas necessidades vitais e socioculturais. Quando não se socializa este valor, a criança e o jovem tornam-se, no dizer de Gramsci, espécies de mamíferos de luxo, que acham natural viverem do trabalho e da exploração dos outros.

O fato do trabalho na sociedade capitalista, ser produzido a partir do modo de produção, faz com que neste momento histórico específico tenhamos o aprofundamento da exploração do trabalho, e sua conseqüente alienação. O trabalho regulado pelas relações sociais capitalistas, vem na história sendo interpretado como tortura, sacrifício, privação, e logo demonstra cotidianamente sua face mais destrutiva para os trabalhadores.

Neste modo de produção ao trabalhador somente lhe é permitido vender sua força de trabalho, e eles mesmo logo se tornam mercadorias, esta exploração

só é possível porque o capitalismo baseia-se na propriedade privada. Como para Frigotto (2005, p. 17)

Alienar é uma palavra que vem do latim e significa transferir a outrem o seu direito de propriedade. A existência de proprietário particulares dos meios instrumentos de produção de um lado, e de milhões de pessoas que apenas possuem sua força de trabalho para vender, de outro, produz uma situação que permite a exploração e superexploração dos trabalhadores.

## 2.6 A HISTORICIDADE DO TRABALHO INFANTO-JUVENIL

Entre 1770 a 1830 se produziu a primeira revolução industrial, com a introdução da energia a vapor e das máquinas-ferramenta; com isso, teve início o período da grande indústria e a burguesia adquiriu pleno domínio. Esta revolução alicerçou-se no desenvolvimento de novas técnicas, que mudaram de forma gigantesca a relação de exploração do homem sobre a natureza.

O predomínio rural dá espaço à grande indústria. A revolução no processo de produção ocasiona uma desintegração das velhas relações familiares e acaba por suprimir a base econômica paterna, com o início da exploração do trabalho de crianças, introduzindo-os no processo produtivo. A relação entre as classes também se altera. Na estrutura da sociedade capitalista, as duas classes principais e antagônicas são a burguesia e o proletariado.

É sobre o olhar de Karl Marx, em O capital I, que averiguamos de que forma surge a exploração do trabalho infanto-juvenil. Para tanto, a seguir realizo a reprodução um trecho de sua obra, este significativo para compreensão de quais foram algumas das conseqüências da introdução de crianças e adolescentes na indústria moderna:

... meninos, na maioria entre 11 e 17 anos, cuja atividade consiste exclusivamente em colocar uma folha de papel na máquina e retirá-la depois de impressa. Notadamente em Londres, realizam esta tarefa enfadonha numa jornada de 14,15 e 16 horas ininterruptas, em alguns dias da semana e , freqüentemente, durante 36 horas consecutivas, com

apenas 2 horas de pausa para comer e dormir. Grande parte deles não sabe ler; são geralmente criaturas embrutecidas, anormais. (MARX, 1992, p. 98)

O prazo de serventia desta mão de obra para produção era pequeno, normalmente quando estes jovens atingiam seus dezessete anos deixam de ter ocupação no processo produtivo. Ao buscarem outro tipo de trabalho, devido ao seu embrutecimento e degradação física e moral, acabam por ficar a mercê de uma vida indigna e sem chances de sobrevivência futura. Não raro, estes sujeitos acabavam por fazer parte de crimes e tornar suas vidas um passe de troca por comida ou roupas.

Com o avanço das forças produtivas, de novas transformações na forma de produção, combinados à luta de classes, têm como produto a regulamentação de leis trabalhistas e a conseqüente proibição do trabalho infanto-juvenil. Jogando crianças nas ruas, sem trabalho ou qualquer perspectiva de estudos.

Porém, o trabalho infanto-juvenil compõe e reproduz a acumulação capitalista, e mesmo que estas crianças tenham tido sua expulsão do processo produtivo formal, todas as reestruturações produtivas sempre ratificaram o uso do trabalho infanto-juvenil. Mesmo que seu local tenha sido alterado com o passar do tempo, sua necessidade não ficou obsoleta no sistema capitalista.

Instaurando o modo de produção flexível, flexibilizam-se as leis trabalhistas, fruto da reestruturação produtiva, temos a desregulação do trabalho, e um conseqüente processo de automação que gera um alto índice de desemprego.

Segundo Antunes (2010), em países como França e Inglaterra, nos últimos anos tivemos a diminuição de cerca de 20% dos trabalhadores fabris, gerando um processo de *desproletarização*. Segundo o mesmo autor, as múltiplas processualidades que o sistema impõe à classe trabalhadora, traz uma diminuição do proletariado e um contraditório crescimento do trabalho assalariado, fruto do crescimento do setor de serviços.

A atualidade da desregulação do trabalho, o aumento do setor de serviços e das terceirizações e precarização do trabalho geram um desemprego

estrutural que acirra a miséria de famílias da classe trabalhadora. Esta miséria coloca como única alternativa para muitas famílias a utilização, desde muito cedo, da força de trabalho de seus próprios filhos.

Neste quadro, compreendemos a contradição principal deste fenômeno pelo possível enfraquecimento da potencialidade ontológica desde forma de trabalho. A exploração do trabalho a que criança e adolescentes estão sujeitos é central em suas constituições enquanto seres humanos, assim como é elemento mutilador da vida, nas descrições de Fonseca (2008)

O trabalho infanto-juvenil é toda prática laboral – formal ou informal – cujos sujeitos tenham menos de 18 anos, sem caráter educativo, que desrespeite os limites do sujeito em questão, oferecendo riscos diretos ou indiretos ao mesmo, vinculada a estratégia de sobrevivência, remunerada direta ou indiretamente, desenvolvida em casa ou na rua, caracterizando exploração da força de trabalho. Mesmo quando travestido de ajuda, esta forma de trabalho, possui contornos evidentes de classe, etnia e gênero.

Faz-se hoje, o trabalho infanto-juvenil um componente estrutural do sistema capitalista, prescindindo da capacidade civilizatória, acirrando o processo de acumulação e avançando sobre os direitos dos trabalhadores.

## 2.7 A LUTA POR DIREITOS INFANTO-JUVENIS

A realidade material tem suas contradições acirradas por batalhas políticas travadas pelos movimentos sociais, que historicamente lutam pela garantia dos direitos de crianças e adolescentes. Segundo Fonseca (2010), podemos localizar o primeiro movimento de proteção a estes sujeitos, na Revolução Industrial com a imposição das leis fabris, que colocavam como condição para o emprego da população até 15 anos a instrução escolar.

Seguindo, teremos o Juízo de Menores, criado pelo decreto nº 16272 de 20/12/1923 até 1941, data da criação da SAM – Serviço de Assistência Social aos Menores – estabelecia um novo padrão com relação a prática jurídica dirigida ao



menor. É a partir deste Juízo que o menor começa a ser estudado e qualificado dentro de características morais, físicas, sociais e afetivas, centralizando exames e possíveis diagnósticos na responsabilidade de um médico, que ao final atribuiria ao menor uma personalidade normal ou patológica.

Dentro do contexto específico da época a criação do juízo de menores foi um avanço em relação ao trato deste sujeito, por mais que basicamente ficasse restrito a uma classificação moral do menor, que muitas vezes era julgado como “vicioso”, “vadio”, “criminoso” ou “órfão”. Um avanço na época sobre novos ideais de proteção e assistência à infância, que apesar de na prática muito delegado à justiça, no que diz respeito à elaboração teórica foi progressivo, e proporcionou o surgimento de novas disciplinas como o Serviço Social. Rizzini (1993) em seus estudos explicita de que forma a influência dos saberes científicos sobre a prática jurídica serviu para justificar e reforçar uma prática discriminadora excludente:

A apreciação final dada pelo médico, apesar de breve, tinha uma repercussão importante no desenrolar do processo. Funcionava como uma pré-sentença, já que os considerados mentalmente perturbados dificilmente escapavam à uma intervenção mais enérgica do juiz. (p. 87)

Esta política com o passar dos anos toma forma em um Código do Menor, que em 1979 passa por algumas reformulações, consolidando a dita Doutrina da Situação Irregular no Brasil. Que por mais que tenha dado um foco maior às políticas sociais à crianças e adolescentes, continua tendo-os como inferiores e incapacitados, resumido na concepção “menor”.

Na contemporaneidade, em 1973 a Organização Internacional do Trabalho (OIT) ratifica a proibição do trabalho infanto-juvenil, e aumento a idade mínima para 16 anos.

Fruto do período de efervescia democrática, em 1988 a Doutrina da Proteção Integral, começa a ser incorporada no Brasil, através da Constituição Federal de 1988, através do Artigo 227, que conclui:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à

alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

É importante ressaltar que os processos que acontecem no Brasil têm uma estreita relação com uma dinâmica internacional, em defesa da criança e do adolescente em uma mudança gradual da concepção deste sujeito, impulsionada pela ONU. Assim em 1990, após movimentos sociais e mobilização conjuntas, temos materializado a doutrina da Proteção integral no Estatuto da Criança e do Adolescente, garantindo um sujeito de direitos, com atendimento em prioridade pelo Estado.

Recentemente em 1999, a Convenção nº 182 de Proibição das Piores Formas de Trabalho Infantil, da OIT, atrela a necessidade de erradicação do trabalho infanto-juvenil com a universalização do ensino fundamental em todo o país. Por último, uma alteração na CLT(2000) traz novamente a tona o conceito de menor, e introduz a possibilidade de trabalho na forma de aprendiz, a partir dos 14 anos.

O que é constante na história do trabalho infanto-juvenil é a permanência da contradição de crianças e adolescentes entre a necessidade material do trabalho precoce e a luta pelo direito a uma vida infantil.

### 3. O ESTADO DA ARTE COMO CAMPO DE ANÁLISE

Neste capítulo, irei me deter em compreender de que forma a metodologia da pesquisa referênciada, *O estado da arte do trabalho infanto-juvenil nas Instituições de ensino superior da região metropolitana de Porto Alegre/RS*<sup>2</sup>, da qual este trabalho de conclusão é um recorte, insere-se num campo construído a partir da metodologia de construção do Estado da Arte.

#### 3.1 METODOLOGIA DE TIPO ESTADO DA ARTE

Mas o que é um Estado da Arte? Compreender esta metodologia, parte de uma necessária contextualização da utilização deste tipo de análise em nosso país, para isto fomos ao primeiro estado da arte realizado no Brasil, da autora Acácia Kuenzer (1991) a obra *“Educação e trabalho no Brasil – o estado da questão”*.

Realizamos uma breve revisão desta obra e dos pontos de convergência com a nossa pesquisa de origem, para fazer um diálogo entre a obra *“Educação e trabalho no Brasil – o estado da questão”* da autora Acácia Kuenzer (1991) e a pesquisa *“O Estado da arte do trabalho infanto-juvenil nas instituições de ensino superior da região metropolitana de Porto Alegre”*, coordenada pela professora Laura Fonseca (UFRGS) e associada à pesquisa do Prof. Gaudêncio Frigotto (UERJ) intitulada *Sociabilidade do capitalismo dependente no Brasil e as políticas públicas de formação, emprego e renda: a juventude com vida provisória em suspenso (2008-2011)*.

Tanto o trabalho de Kunzer (1991) quanto nossa pesquisa são do tipo estado da arte, pois pretendem em um recorte temporal e geopolítico específico, realizar a análise e a sistematização de um determinado campo de conhecimento, no caso das obras referidas, de uma determinada temática. Visando de esta forma reconhecer e analisar a produção acadêmica, identificar temáticas e abordagens

---

<sup>2</sup> Pesquisa de Iniciação Científica, com fomento BIC/UFRGS, PROPESQ, desde 2008/02.

dominantes e emergentes, lacunas e campos inexplorados abertos a futuras pesquisas.

Na obra de Acácia Kunzer fica explícita na introdução, no subtítulo “*Por que investigar a relação entre educação e trabalho no Brasil*” a sua justificativa para a realização da pesquisa. A autora expõe como uma de suas principais justificativas a falta de clareza teórica que contribui fortemente para impossibilidade de apreensão da historicidade do tema e suas formas de desenvolvimento no cotidiano. Assim como contribui para que a contradição entre capital e trabalho continue a exercer influência sobre a formulação de propostas pedagógicas e políticas educacionais de cunho duvidoso.

A seguir a autora segue problematizando a relação entre educação e trabalho e sua condição na prática no cotidiano brasileiro, referindo-se a divisão social e técnica do trabalho como algo indispensável para a constituição do modo capitalista de produção. E demonstrando o quanto o capital influenciou a formação do sistema de ensino brasileiro, repetindo as mesmas práticas de divisão entre teoria e prática e também fragmentando o saber. A autora expõe uma contextualização da questão da dualidade do sistema educacional brasileiro num todo, mostrando que a escola historicamente teve como finalidade específica a preparação de um mão-de-obra que atenda a necessidade imediata do capital.

Finalizando a introdução à análise da relação educação e trabalho no Brasil a autora conclui a partir do que foi desenvolvido até o momento que havia em geral uma impossibilidade de acesso das classes trabalhadoras ao ensino formal. Um fator importante que se constata é a dificuldade na superação da divisão entre teoria e prática, fatores estes devido em muito à falta de ações políticas e principalmente a falta de clareza teórica. A autora ainda explicita a necessidade que se impõe da construção de outro corpo de conhecimento, ou seja, a busca de novos caminhos que estejam necessariamente comprometidos com um projeto pedagógico para o trabalhador no processo de construção da sua hegemonia.

No segundo capítulo intitulado *A relação entre Educação e Trabalho: pressupostos teóricos* a autora preocupa-se em esclarecer algumas questões que

julga como essenciais ao entendimento desta relação, tais como a produção do saber, o processo de distribuição do conhecimento e o papel da escola nestes campos. A respeito da produção do saber a autora afirma que ele não é produzido na escola e sim no interior das relações sociais em seu conjunto, sendo uma produção coletiva que independe do espaço físico. É importante esclarecer que a escola não é negada aqui como um espaço de construção de conhecimento, mas é tida como uma parte, e não a mais importante deste processo. A partir desta concepção de produção do conhecimento o trabalho é tido como principal fonte de construção do saber, “o trabalho é categoria que se constitui no fundamento do processo de elaboração do conhecimento” (p.21).

Em relação à distribuição desigual do saber Kunzer (1991) relata que a escola e a empresa são as principais responsáveis por esta dinâmica de uma falha distribuição de conhecimentos, sendo assim a escola serve mais como um espaço de exclusão da grande maioria da população no seu interior, pois dificilmente a teoria aprendida na escola corresponde à dinamicidade das relações sociais. Tendo em vista que na verdade a escola não é falha e sim muito competente na sua própria função de distribuição desigual do saber, servindo ao capital em seu movimento de acumulação, porque nesta lógica a apropriação privada de certos conhecimentos é indispensável.

Neste capítulo também são expostas algumas considerações a cerca da falta de historicização da concepção de trabalho que leva a uma “falsa” percepção de que todo e qualquer trabalho pode ser tido como humanizador transformador das relações sociais. Outras questões apontam em direção de uma discussão a respeito de que trabalho é este oferecido aos nossos trabalhadores, que formas de aprender estão em jogo e que papel que a escola tem nesta grande batalha entre teoria e prática e a produção de conhecimento.

Ora, se a escola é a expressão do saber dividido, resta saber até que ponto, no seu interior, poderá ocorrer a reunificação entre teoria e prática, enquanto a cisão permanece ao nível das relações sociais. Esta indagação, embora óbvia, parece necessária, uma vez que tem surgido algumas propostas nesta linha, muito bem intencionadas porém

simplistas, dentre os intelectuais comprometidos com a educação do trabalhador. Definir o real espaço da escola em seu compromisso com a maioria da população, continua sendo, pois , a grande questão. (KUENZER,1991.p.31)

No capítulo intitulado *Educação e Trabalho no Brasil: o Processo de Construção das Idéias e as Principais contribuições* a autora realiza uma exposição das idéias de todos os autores pesquisados de uma forma cronológica da história da relação educação e trabalho, procurando dialogar com os autores e colocar os diferentes marcos teóricos e pontos de vista que são superados e aparecem ao longo da história da temática no Brasil.

Um aspecto, dentre muitos, colocado por Kunzer (1991) que dialoga com a pesquisa *do estado da arte do trabalho infanto-juvenil* é a consciência de que apesar da realização de grande exposição de autores e idéias, não se pretende de forma alguma esgotar o tema em questão. Uma vez que o nosso tema, assim com de Kunzer na época, está sendo desenvolvido recentemente e que com certeza se faz como uma análise e categorização inicial. Nos dois trabalhos o que se pretende é tentar “captar o movimento de construção das idéias” sobre o tema, no painel brasileiro no caso dela e na RMPA no nosso, assim tendo subsídios para a identificação dos marcos teóricos mais relevantes.

É possível afirmar que a pesquisa em educação no Brasil é algo muito recente, segundo Kunzer efetivamente este processo inicia-se em meados da década de 60 com a criação e expansão dos programas de pós-graduação no Brasil. O que influencia até hoje é que antes de 60 o conhecimento não era produzido aqui e era “exportado” basicamente dos EUA, através de traduções com concepções em sua maioria positivistas, uma verdadeira confusão já que se trata de duas realidades distintas.

O recorte e a análise que autora se propõe iniciam na teoria do capital humano, com as primeiras traduções no Brasil na década de 60 e sua efervescência na época da ditadura militar, passando pela abordagem crítico-reprodutivista e logo após a sua superação com a pedagogia histórico-crítica da década de 80 com Cury, Saviani e outros autores. Perpassando pela “escola

improdutiva” de Frigotto (1984), que concebe a escola organizada a partir das relações sociais de produção, com o princípio de constituição da escola que interesse à classe trabalhadora. Ainda pela pedagogia da fábrica, a questão da escola única do trabalho, o trabalho feminino, as produções de saberes no meio rural, Educação, trabalho e cidadania que Arroyo foi um dos percussores, a relação entre educação e trabalho no ensino técnico até o direito a educação do trabalhador, entendo esta relação além dos muros institucionais da escola, Arroyo (1986).

A burguesia parece perceber que se o “lócus” do educativo para ele esteve na prática social e produtiva, para a nova classe, os trabalhadores, está também o “lócus” onde se educam, onde se sabem, constroem sua identidade coletiva e constroem um saber social contra – hegemônico; conseqüentemente será aí que a burguesia tentará o verdadeiro controle e a negação do direito à verdadeira educação dos trabalhadores. (ARROYO,1986, p.22)

No quarto capítulo intitulado *Educação e Trabalho ou Trabalho e Educação?* Kunzer relata um encontro de pesquisa de educadores em 1986 que se tornou um marco, pois serviu para uma discussão da produção na área, para identificação de algumas lacunas e a proposta de temas a serem pesquisados. Um fator importante que a autora reforça inúmeras vezes é o trabalho coletivo e a importância de agências financiadoras para o progresso dos programas de pesquisas no Brasil. O que de mais significativo em termos teóricos que a autora traz neste capítulo é a opção por certas concepções teóricas que embasam a linha de pesquisa. Entre elas o trabalho como lócus de produção de conhecimento e princípio educativo primeiro, tendo sempre em vista alguns falsos discursos que tem em suas entrelinhas uma dimensão moralizante e um “aprender fazendo” que só reproduzem uma divisão classista da educação.

No último capítulo, intitulado *Trabalho e educação: sobre a provisoriade da síntese* a autora reforça o objetivo inicial do trabalho de entender a construção de idéias a respeito do trabalho e educação dentro do processo de construção da educação no Brasil, tendo em vista todas as limitações de um primeiro estado da arte constituído a respeito da temática.

Ressaltando que só foram analisados os principais marcos teóricos, com a consciência de que “algumas injustiças” podem ter sido cometidas e por este motivo estar propondo uma revisão de vários estudiosos da linha, para críticas e sugestões de produção. Ao fim a autora agradece a todos os seus colegas colaboradores, reconhece que há muito ainda o que fazer em direção a produção de novos conhecimentos que visem um projeto hegemônico para a classe trabalhadora, reforçando a idéia de tomar como ponto de partida de pesquisa o trabalho ao invés da escola.

Tenho a convicção de que esta obra de Kunzer (1991) é um convite e um exemplo de produção do tipo estudo estado da arte, sempre considerando este trabalho com uma primeira e importante pesquisa. É visível o tempo que é preciso para a realização de trabalhos deste tipo, tal é o diálogo constante que é necessário que se faça entre os autores lidos, para que assim possam ser construídas categorizações e constatadas lacunas para maiores aprofundamentos.

O trabalho de estado da arte do trabalho infanto-juvenil, constitui-se a partir de uma nítida preocupação da situação teórica da temática, que apesar de sua grande influência na nossa sociedade pouco vem sendo estudado. O trabalho infanto-juvenil constitui e reproduz a acumulação capitalista, e seguindo Kuenzer, parece nos não ser distinta a situação na qual se encontra a problemática da relação entre trabalho e educação na acadêmica.

Em relação à nossa pesquisa referência, da qual este trabalho de conclusão é um recorte, nosso campo de pesquisa é menos abrangente do que o de Kunzer (1991) . O recorte temporal que compomos é a partir de 1990 com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente até 2008 (ano que iniciamos a pesquisa), o recorte geopolítico é a região metropolitana de Porto Alegre nas Instituições de Ensino Superior, cadastradas no portal do INEP.



### 3.2 A SITUAÇÃO DA PESQUISA REFERÊNCIA

Nossa pesquisa encontra-se na etapa de Leitura ampla das produções, na qual realizaremos a leitura completa dos trinta e quatro trabalhos selecionados pela metodologia de Estado da Arte.

Até o momento, podemos seguir a reafirmar a importância e o inédito de tal trabalho. A importância pela sua relevância social calcada em políticas de necessidade de erradicação da exploração do trabalho infanto-juvenil que hoje alcança perto dos 10% de crianças e adolescentes em nosso país, segundo dados da PNAD 2008. O inédito, reafirma-se tanto pela quantidade de produções a cerca da temática nas seis principais IES da RMPA, que se mostra incipiente para uma produção efetiva de conhecimento refletido para a realização de políticas públicas; quanto em base a nossa revisão teórica que aponta para um atual quadro de desorganização sobre o que temos produzido, e quais as principais tendências de discussão até o momento na área de trabalho infanto-juvenil.

Em análise qualitativa dos resumos, já foi possível localizar linhas gerais que as atuais produções apontavam, nisto dois critérios nos foram muito significativos: o ano de produção, pela contextualização histórica da produção; e sobre o descritor principal para denominar o sujeito da exploração do trabalho infanto-juvenil, no caso das leituras feitas, insistentemente o “menor”. Sobre o ano, nos debruçamos em compreender na relação conjuntural de formação do estado, políticas públicas e histórico de luta pela questão de reconhecimento do sujeito criança e adolescente, como se sucederam algumas transformações que podem vir a refletir nos trabalhos a serem analisados. Quanto ao descritor que insistentemente apareceu nos resumos, o “menor”, quando referindo-se ao sujeito do trabalho infanto-juvenil, realizamos um questionamento sobre qual a relevância da utilização dos termos para a compreensão da temática do trabalho infanto-juvenil, no seu caráter de trajetória no atual Estado Brasileiro. Resgatando conscientemente nosso marco legal para a realização de tal pesquisa, o Estatuto da Criança e do Adolescente, promulgado em 1990, ano em que iniciamos nossa busca por produções sobre a temática. Tal descritor entra em contradição com o

ECA, que garante a todas as crianças e adolescentes um status de sujeito de direitos, longa discussão atravessada por mais de setenta anos de descoberta da situação da criança e do adolescente brasileiro. Com o intuito de protagonismo do Estado na proteção da infância utilizada como forma de exploração, para grandes capitais garantirem seus lucros. Tendo a partir do estatuto, a obrigação de oferecer todas as condições de uma vida que proporcionem o pleno e saudável desenvolvimento destes sujeitos: com educação, lazer, saúde, moradia e etc.

É ao materializar o marco legal em relação ao Estado Brasileiro, com a análise dos resumos, e a produção intelectual coletiva do grupo de pesquisa do qual este trabalho faz parte, que se detém em compreender a situação real de políticas de erradicação do trabalho infanto-juvenil em uma comunidade periférica de Porto Alegre, com pesquisas e extensões. Que optamos por neste momento do trabalho formalizar uma hipótese a ser averiguada no completar da organização teórica sobre o tema trabalho infanto-juvenil, sendo esta: é possível verificar em nossas empirias a dificuldade da implementação na prática do Estatuto, tanto no que concebe a políticas escassas quanto ao trato a estes sujeitos pela Justiça comum? Será somente no esforço do cruzamento do coletivo intelectual reflexivo, que acreditamos que conseguiremos achar as respostas mais próximas da realidade material que nossas pesquisas estão imersas.

Sendo por isso o fenômeno em análise, encontra-se em constante movimento, mesmo dentro das produções que são nossos objetos de trabalho, sendo nossa responsabilidade em ligação com aspectos da totalidade que circunda este tema, tentar captar os momentos que tal fenômeno vem apresentando no campo da produção intelectual que toma o trabalho infanto-juvenil como temática. Pelo menos nos últimos dezoito anos, nas instituições de ensino superior da região metropolitana de Porto Alegre.

#### **4. O FENÔMENO TRABALHO INFANTO-JUEVNIL E AS CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO QUE EMERGEM DO CAMPO**

Para que possamos compreender de que forma se dá a construção do fenômeno educação nas teses de tema trabalho infanto-juvenil, realizamos a construção de um quadro descritivo de análise. Neste quadro abarcamos os aspectos que entendemos como centrais para nosso objetivo.

A primeira parte do quadro apresenta dados sobre a metodologia utilizada no trabalho, os instrumentos e o marco teórico. Para que consigamos captar com maior precisão a construção dos conceitos principais de nossa análise, se faz fundamental que visualizemos as estratégias metodológicas adotadas para a construção dos mesmos, de que forma os instrumentos são localizados e com quais referências teóricas o/a autora concebe a investigação.

Na segunda parte do quadro explicitamos quais os conceitos que o/a pesquisador utiliza para relacionar educação e trabalho infanto-juvenil. Necessariamente observamos a pertinência ao longo da tese que os conceitos escolhidos aglutinam para a construção de sua idéia de educação e trabalho infanto-juvenil. A última parte do quadro nomeamos de "idéias sobre educação/trabalho infanto-juvenil". São basicamente excertos retirados das próprias teses que descrevem a concepção que o/a pesquisador tem da educação e do trabalho infanto-juvenil.

O que impulsiona esta autora a pesquisar sobre a construção da educação em tese de temática trabalho infanto-juvenil, parte de uma abordagem materialista histórica, do método dialético, expondo a visão de mundo sobre a totalidade dos fenômenos em questão.

Parto deste princípio, para afirmar a necessidade histórica de reatar os laços ontológicos entre trabalho e educação. Em caso específico, realizar uma abstração do concreto trabalho infanto-juvenil, num primeiro momento, e após, contextualizar a relação da educação com o trabalho infanto-juvenil.

A partir de Saviani (2007), compreendo o trabalho como a essência humana, e com sua explicitação sobre esta essência abstraio a concepção educacional do seguinte trecho...

Se a existência humana não é garantida pela natureza não é uma dádiva natural, mas tem de ser produzida pelo próprio homem, sendo pois, um produto do trabalho, isso significa que o homem não nasce homem. Ele forma-se homem (...) Ele necessita aprender a ser homem, precisa aprender a produzir sua própria existência. Portanto, a produção do homem, é, ao mesmo tempo a formação do homem, isto é, um processo educativo. A origem da educação coincide então com a origem do homem mesmo. (p. 88)

É neste embricamento da educação e do trabalho, como questões de potência ontológica, cujo produto deste processo é o próprio ser do homem, que fundamenta a relação do processo educacional com o trabalho. Sendo o aprendizado a própria existência.

Logo, a temática trabalho infanto-juvenil, trata de uma especificidade etária, de crianças e adolescentes, que segundo consta o ECA, é considerada a população de zero a dezoito anos. E que ao constituírem sua essência humana através do trabalho, participam de um processo educativo que os forma.

Porém, saindo do marco das abstrações, recomponho esta relação na conjuntura e na sua materialidade, na estrutura da sociedade. É porque o desenvolvimento da produção conduziu à divisão do trabalho, que no sistema capitalista o trabalho infanto-juvenil se dá como forma de exploração, e negação do processo educativo que deveria estar imbricado.

O cruzamento das ações de extensão e das pesquisas do grupo de pesquisa "Trabalho e Formação Humana" do Programa de Pós Graduação da UFRGS, dão pistas sobre a possível relação desarmoniosa que educação e trabalho infanto-juvenil explicitam na atualidade. Seja pela invisibilidade que toma o trabalho infanto-juvenil dentro da escola (lócus privilegiado da educação na sociedade capitalista), seja pela concretude da violência que sofrem crianças e adolescentes em atividade de trabalho. A insalubridade dos postos de trabalho

ocupados por estes sujeitos não é potencializadora de oportunidades de processo educativos que contemplem seus desenvolvimentos, somente demonstram a face da “destruição da vida”. Ainda que produzam seres humanos, pois a ontologia está no processo de produzir o ser humano, não em um caráter somente positivo do mesmo.

#### 4.1 DA ANÁLISE DO QUADRO...

Primeiramente é de suma importância que façamos algumas delimitações sobre o alcance de nossas análises a respeito das produções selecionadas. Ao retirar das produções, tanto conceitos centrais como idéias que percorrem o todo da obra, não temos como pretensão realizar uma reprodução fiel do pensamento do autor. Porém, realizamos nossas conclusões em base a trechos retirados das produções que no nosso entender dão conta da construção dos fenômenos em questão.

O quadro número 1, é referente à tese *A Luta do Jovem Trabalhador e estudante nas Escolas Estaduais de Porto Alegre/RS – um estudo de caso*, de autoria de Janes Teresinha Fraga Siqueira, de 2004.

O objetivo que a autora tem com esta tese não é apenas de cunho investigativo, mas também realizar uma elaboração para a possível superação das condições de estudo que dificultam a vida (as) jovens que também trabalham. A tese fundamental deste trabalho se baseia na realidade das condições escolares e de trabalho que os sujeitos da pesquisa apresentam e também os significado que os mesmos apresentam que são profundamente antagônicos, com o resultado das condições precárias de vidas destes jovens.

De acordo com o quadro de análise os principais conceitos relacionados à educação são: *capitalismo globalizado, práxis, força de trabalho, escola, mercado e flexibilização*.

*Capitalismo Globalizado* aparece tanto em relação à educação, como á trabalho infanto-juvenil, isto porque para a autora é um aspecto da estrutura do atual sistema que delinea o processo educativo e o mundo do trabalho. Sendo o

lócus de análise da perspectiva da educação a *escola*, que segunda a autora “*é um campo de intensos debates, e que enquanto professora devemos ter a estratégia de luta pela hegemonia ideológica*”.

*Força de trabalho* é a forma como o estudante é compreendido pela educação escolar, como força de trabalho a ser formada, para isto a autora afirma que “a escola na esfera do trabalho produtivo tem como função a “produção do trabalhador”, produzindo um lugar específico para os jovens trabalhadores que a escola mesmo produz: trabalhos subalternos e precarizados”. No fim deste trecho já podemos visualizar outro conceito fundamental, que é pertinente também para a compreensão do trabalho infanto-juvenil: *flexibilização*.

Flexibilização é fruto do processo de reestruturação produtiva, que dentro das análises da autora irá refletir tanto dentro do processo educativo quanto nas condições de precarização das formas de trabalho dos sujeitos crianças e adolescente. No cotidiano de trabalhadores jovens, através de sua pesquisa de campo, se expressa da seguinte forma, “*trabalho que estes jovens estão exposto a mesma pesquisa diz que é precário e muito vulnerável, com privações de direitos trabalhistas e jornadas superiores às permitida*”. Já na educação, o que irá acontecer é uma flexibilização da aprendizagem frente às demandas do mercado de trabalho, logo, flexibiliza-se a carga horária, a metodologia, o ensino em prol de uma maior produtividade dos jovens em seus locais de trabalho.

*Mercado*, é outro conceito que compreende tanto a construção da educação quanto do trabalho infanto-juvenil na tese. No campo da educação segundo a autora “*o que vemos é um Estado que submete a educação ao ritmo do trabalho, tendo como prioridade as necessidades do mercado e não deixando escolhas de futuro para os jovens.*” Da mesma forma que será este mercado, que delimitará as oportunidade de trabalho para os jovens, apresentando na maioria das vezes uma situação de vulnerabilidade aos sujeitos envolvidos na exploração de sua mão-de-obra infanto-juvenil. Por último, em relação à educação, temos o conceito de *práxis*.

Este último aparece como forma de superação da contradição existente entre educação e trabalho na escola. Sendo práxis compreendida como a inserção da vida e das práticas cotidianas dos sujeitos dentro do espaço escolar, como forma de ter uma educação emancipatória e com algum sentido para crianças e adolescentes. Dois trechos retirados da tese demonstram a relação deste último conceito:

A educação pelo trabalho proposta por Marx em nada tem a ver com a forma de exploração pela qual os jovens são expostos hoje em dia. A politecnicidade, por exemplo concebe as atividades de educação e trabalho como integrantes de um único processo, com articulação entre teoria e prática.

a escola como um contraponto: melhores condições de trabalho e formação continuada; currículo das escolas seja construído com base na realidade dos alunos e contemple as questões do mundo do trabalho e das relações de trabalho; redução da carga horária de trabalho; construção do projeto político pedagógico para a EJA.

Os conceitos que permeiam essa tese e são fundamentais para a construção do conceito de trabalho infanto-juvenil são: *desemprego, flexibilização, mercado, capitalismo globalizado, responsabilidade, necessidade e alienação*.

Flexibilização, mercado e capitalismo globalizado, por serem conceitos estruturantes tanto da educação quanto do trabalho infanto-juvenil foram abordados anteriormente. Demonstrando sua inter-relação direta na construção do significado dos nossos dois conceitos centrais.

Para tanto o conceito *desemprego* aparece como causa e consequência da situação de exploração do trabalho infanto-juvenil. Os trechos que seguem tem a função de caracterizar o desemprego como consequência e o segundo como causa:

Outras pesquisas trazem dados sobre a situação do jovem no Brasil e suas dificuldades diárias, caracterizadas por um jovem exposto a vulnerabilidade que é praticada pelo próprio Estado Brasileiro com: desemprego, discriminação, jornada de trabalho, forma de contratação, falta de direitos, Estado que retira suas responsabilidades e as transfere para programas sociais questionáveis.

O Trabalho infanto-juvenil exerce uma função para o atual sistema, como forma mais fácil e barata das forças das classes pobres. Por isso o T.I.J tem uma relação com o desemprego de adultos e a necessidade de complementação de renda, fenômenos como terceirização, felexibilização, desemprego e privatização são pilares para a sustentação da exploração de crianças e jovens.

O conceito de *alienação* atravessa a discussão de exploração do trabalho infanto-juvenil quando relacionado à forma histórica do trabalho no sistema capitalista, sempre afirmando, que em sua concepção marxista o “*trabalho é historicamente determinado*”.

Por último, um dos objetivos centrais da tese é verificar os sentidos do trabalho na vida dos jovens envolvidos na pesquisa, e *necessidade e responsabilidade*, são dois conceitos que se revestem de grande contradição na materialização do trabalho infanto-juvenil para os participantes da pesquisa. Aparecendo simultaneamente como positivos e negativo.

A segunda tese a ser analisada tem o título de *PRÁTICA DO FAZER, PRÁTICA DO SABER: vivências e aprendizados coma infância do Corredor*, da autora Georgina Helena Lima Nunes, do ano de 2004, com cento e oitenta e nove páginas.

Segundo a autora da obra, o objetivo principal de tese é conferir visibilidade às práticas sociais de crianças negras trabalhadoras construídas na relação com as “parcerias” de sua história: a família, os patrões, as professoras, a vizinhança e os colegas da escola.

É no cruzamento dos conceitos relacionados educação e a trabalho infanto-juvenil com as idéias que a autora apresenta sobre, que podemos compreender o processo de construção da educação na tese analisada.

O conceito *segregação* atravessa a tese na discussão que a autora faz sobre a divisão da comunidade em brancos e negros, que irá refletir dentro da escola no processo e nas oportunidades de aprendizagem de cada educando. Sendo a etnia de cada educando, vista pela escola como um fator determinante de



suas possibilidades de aprender, já que esta segregação racial vem acompanhada de uma divisão social, entre crianças proprietárias (brancas) e não-proprietárias (negras).

Assim configura-se a falência da escola frente à demanda de ser “um tempo de dignidade e não de afirmação da miséria que vive.” Por fim, a materialidade da empiria da autora fez com que a mesma concluísse a forma como a segregação racial se demonstra no cotidiano do processo educacional, focando na particularidade de uma escola pública, e que deveria ter o comprometimento da mesma forma com todos os sujeitos...

A escola pública e seu papel histórico de domesticação, formação de força de trabalho necessária ao capital, não atende às particularidade da vida humana. Esta mesma escola pública, para os sujeito de pesquisa, não os impediam de entrar pelo seu (não) reconhecimento, porém mesmo lá dentro não lhes era permitido aprender e/ou permanecer.

O conceito *práticas sociais* aparece em toda a tese como um elemento de contradição no processo educacional, pois são *práticas sociais* latentes e ao mesmo tempo ausentes. São latentes pelos sujeitos da educação que são carregados de todas as suas experiências cotidianas que os formam, e ausentes pela escola, que em toda a sua estrutura nega as experiências destes mesmos sujeitos. E principalmente em relação à prática social mais estruturante na vida daqueles educandos: o trabalho. Segundo a autora:

escola que se mantém a parte da vida da comunidade apresentada e que não reconhece seus estudantes como trabalhadores, e que não absorve o trabalho enquanto um conteúdo pedagógico.

Quanto à superação que este mesmo conceito pode refletir, sobre um processo educacional mais real para aqueles sujeitos o seguinte trecho retirado do quadro de análise é simbólico, *para a escola como um espaço que precisa ouvir as práticas sociais e ser disseminador de relações mais solidárias, respeitadas e emancipatórias, fugindo da exploração e do preconceito.*

Ainda sobre educação, *formação humana, diálogo e emancipação*, são conceitos que a autora utiliza quando fala de fatores necessários para a construção de um processo educacional para as crianças trabalhadoras. Para formação humana, sob a perspectiva de Arroyo (1999), “*da necessária compreensão da escola para com estes sujeitos, e a ação atenta de suas práticas sociais que educam*”, constituindo assim uma formação humana para todos os sujeitos: educandos e educadores.

A particularidade do processo educacional naquela comunidade é representada pelo conceito “rural”, que fala do local de trabalho e de vida daqueles sujeitos e que segunda autora tem a urgência de transformar-se “*em uma escola rural que insira o mundo do trabalho em seus bancos escolares, e que acolha as diferenças.*”

*Diálogo e emancipação*, são conceitos que a autora referencia em Freire, e contrários a escola de hoje que faz invisíveis os conhecimentos dos educandos, uma escola de pensamento único e que “*demoniza o diferente, uma educação que não é plural, tampouco rural*”. Assim, atravessam toda a tese, a fim de propor que entendendo a escola como um espaço de luta pedagógica e produção do conhecimento que pode ser dialético, diferenciando do que temos hoje que impossibilita educar-se a si mesma de uma forma rural, plural e emancipatória.

Sobre os conceitos e as idéias relacionadas ao trabalho infanto-juvenil, os centrais são: *segregação, práticas sociais, família e infância*. *Segregação*, conceito também relacionado à construção da concepção de educação da autora, é um conceito chave, mas concreto enquanto segregação do local e forma de trabalho. Isto porque tanto crianças brancas quanto crianças negras trabalham, porém as crianças brancas são proprietárias e as negras não, o que irá designar o trabalho explorado para as negras.

Conjuntamente, *família* é outro conceito que decorre a toda explanação sobre o trabalho infanto-juvenil, isto porque

O trabalho infanto-juvenil atravessa as relações familiares: Os pais contam com a mão de obra dos filhos enquanto recurso para forjar a

sobrevivência da família, e na mesma proporção, os filhos reconhecem o esforço até então despendido dos pais para criá-los e pensam em um futuro trabalho a fim de retribuir-lhes. As crianças, desde muito cedo inseridas no trabalho, vendem aos doze anos a sua força de trabalho pelo mesmo valor de um adulto, para tanto, a intensidade de trabalho deve assemelhar-se à dos pais. Chegam na escola freqüentemente machucados, ou judiados, como gostam de dizer..

Ou seja, a realidade do trabalho infanto-juvenil é marcada pelo aspecto da moral familiar, das relações que acreditam que existe um sentimento de “retribuição” aos pais, das crianças que vão para o trabalho desde cedo.

Para tanto a autora vincula suas análises na discussão do que é ser criança atravessada pela marca do trabalho, por isso a centralidade do conceito *infância*, tendo o trabalho como uma prática social da infância que é objeto desta pesquisa. Segundo a autora *“existem positividade nessa relação entre infância e trabalho. Os sujeitos nessa relação não apenas sofrem o adestramento, são criadas algumas expectativas e as relações interpessoais são relativamente menos obstacularizadas pelas questões étnicos/raciais, de gênero e de classe”*.

A terceira tese de nossa análise é *JOVENS: a educação, o cuidado e o trabalho como éticas de ser e estar no mundo*, de Dinora Tereza Zucchetti, do ano de 2002. Sobre os objetivos do trabalho, segundo a autora juventude, educação e trabalho é a temática que se materializa nesta tese, cujos objetivos, em última instância, são os de apreender os sentidos do trabalho como valor, bem como repensar a formação profissional que se oferece aos jovens adolescentes aprendizes num Centro de Iniciação Profissional.

Os conceitos relacionados à educação na tese são: *ética, juventude, formação profissional, desemprego, educativo, assistencialismo, cuidado e afeto*.

Muito pelo campo de análise do qual a autora se utiliza, *formação profissional* é o conceito mais presente na sua construção sobre educação. Sendo um Centro de Iniciação Profissional (CIP) o lócus de sua reflexão sobre o processo educativo. Relacionando ao momento conjuntural que se dá esta formação profissional a autora faz a seguinte constatação, *“formação para o trabalho que acontece num tempo onde tem sido possível, ao menos*

*discursivamente, falar da perda da centralidade do trabalho, também marcado pela precarização do emprego e pela flexibilização das relações de trabalho*". A crítica sobre esta formação se dá nos marcos da dissociação que ela está de outros processos educativos importantes, como segue: *"a formação profissional ainda tem sido realizada desvinculada da escola, demonstrando o quanto o sistema de educação e formação estão dissociados."* Como superação deste problema na formação a autora sugere que se pense em uma política de *Formação Profissional* que tenha, em si, a articulação entre o assistir e o educar.

O que ocorre neste processo de formação profissional tem uma relação direta com a questão do *desemprego* como realidade atual, que ao realizar uma breve historicização, a autora constata que *"nos anos 80 a idéia da educação continuada e da importância da formação profissional para (re) qualificar os quadros de trabalhadores, de desempregados, de mão-de-obra informal e de mão-de-obra jovem."* Neste bojo, o conceito de assistencialismo, é elemento que atravessa toda a discussão sobre as políticas de formação oferecida pelo Estado aos jovens, sendo marca de todas estas iniciativas: *A formação enquanto política pública vem transformando o trabalho em valor de política pública assistencialista.*

*Juventude* é conceito central, pois é o sujeito da análise desta pesquisa, sendo os jovens os que são alvos das políticas assistencialistas de formação, isto quanto elas existem, e a formação não acaba por acontecer no próprio processo produtivo...

A formação para o trabalho para jovens e adolescentes de baixa escolaridade e de origem socioeconômica desfavorável nem sempre está vinculada a algum espaço de formação instituído. Normalmente o aprendizado acontece na prática, no trabalho mesmo, geralmente trabalho desqualificado e na economia informal.(...)A fragilidade dos vínculos entre jovens adolescentes e a instituição escola, é uma realidade que passa a ser mais um elemento vulnerabilizador da juventude.

*Ética, afeto e cuidado* são conceitos que aparecem como símbolos da situação atual, e como necessário para a superação de tal situação. De forma que existe uma ética vigente no processo educativo observado, mas que hoje temos "a

*importância da educação para que a tríade indivíduo/sociedade/espécie aprenda uma ética do gênero humano, a qual ele denomina de ética da compreensão.”* Assim como conclui a autora que o Centro de Iniciação Profissional “*é espaço público por excelência, lugar de convivência, do bem comum, da formação humana, das relações sociais, da promoção da autonomia política e moral, base da cidadania, constitui-se numa articulação entre o público e o privado.”* Apontando que ainda assim precisamos construir alguns desafios que estão implícitos no processo educativo..

Há uma pedagogia da complexidade a ser (re) inventada que considere agora a centralidade do trabalho não mais como o centro regulador de todas as relações sociais, mas o direito ao trabalho/ocupação como forma de ser no mundo. Todos os que estão à procura de trabalho, diariamente, meses a fio, traduzem esta dimensão.

Relacionados a trabalho infanto-juvenil temos: *desemprego, valor, educativo, precarização, moral, disciplina, emprego*. *Desemprego* constitui-se novamente como um conceito que tem sua importância na construção de educação e simultaneamente na de trabalho infanto-juvenil, já tendo sido abordado anteriormente.

Na construção de trabalho infanto-juvenil, existem três conceitos centrais que se entrecruzam: *valor, moral e disciplina*. Isto porque é centro da análise da autora a questão dos sentidos também, o que irá delimitar que a questão da disciplina a um valor que as famílias dos jovens atribuem ao trabalho precoce.

No seu extremo e sua desproporção, a presença do trabalho infanto-juvenil desde a mais tenra infância, presente de forma mais contundente entre as populações mais empobrecidas, demonstra iniciativas concretas no sentido de preparar a criança para a presença do trabalho durante toda a vida.

(...)

Diferem os sentidos do trabalho para famílias e para o adolescente: para a família o trabalho do adolescente ou mesmo o trabalho da criança está

marcado pela moral do trabalho socializador e formador do caráter, muitas vezes também valorizado pelo seu aspecto de fadiga.

Ainda que o conceito valor não esteja restrito apenas a disciplina e nem sempre relacionado a moral vigente, como afirma a autora..

Sobre os sentido do trabalho – o trabalho não aponta diretamente para a remuneração e sim para a melhoria da auto-estima.

(...)

Pluralidade de sentidos que justificam o trabalho entre jovens e adolescentes como um valor moral e humano, bem como o fazer de uma instituição.

*Precarização* é outro conceito pertinente à compreensão de trabalho infanto-juvenil nesta tese, pois se refere predominantemente a forma com a qual se dá o trabalho de crianças e adolescentes. Como diz a autora, *a fragilidade dos vínculos empregatícios e as demais realidades apreendidas pela presente pesquisa sugerem a presença do trabalho precarizado entre boa parte dos jovens pesquisados*. Esta situação de trabalho a qual os sujeitos estão envolvidos tem uma relação direta com a discussão de *emprego, ou falta de emprego*, o que rebaixa a centralidade do trabalho, a um valor de ocupação (emprego)...

A realidade do trabalho precoce e a precária e desqualificada inserção no mercado de trabalho com a conseqüente baixa remuneração, apontando a possibilidade de o trabalho assumir valor de ocupação.

A quarta tese analisada é *NEM SÓ PÃO: fundamentação da ética pedagógica do trabalho educativo*, do autor Evaldo Luis Pauly, do ano de 2000. Segundo o autor, a tese tem como objetivo acadêmico de elaborar uma fundamentação ética da Educação Popular a partir da reflexão sobre a prática sócio-pedagógica do trabalho educativo desenvolvida na Oficina do Pão.

Os conceitos relacionados à construção de educação na tese são: *ética, desemprego, educativo, cuidado, diálogo, direitos, democracia, adolescentes, fé cristã*.

Para explorarmos o significado de cada conceito em relação à educação, é preciso referenciar em que marcos teóricos o autor trabalha em sua análise. Os aportes que encontramos são basicamente referenciais em Freire, por isso, *cuidado, diálogo, direitos, democracia e fé cristã* são conceitos que se entrelaçam na concepção de educação explorada na tese em questão, e que somente tem seu significado correto de discutidos em uma perspectiva freiriana. Em particular, *fé cristã*, é um conceito advindo da vivência particular do escritor desta tese, para ele “*a trajetória do campo pastoral para o educacional, é mais um pequeno exemplo da proximidade entre a experiência educativa e a experiência religiosa*”.

Portanto todas as discussões que se referem ao que deveria ser o processo educacional, como as que caracterizam o que ele e hoje, são relacionadas à construção da educação popular sobre o que é educação, e em específico, o que é educação relacionada ao trabalho. Nestes marcos, democracia, é um elemento reivindicado pelo autor no processo que engloba a construção de cidadania dos sujeitos envolvidos no processo educativo. Como segue os trechos ilustrativos...

Educação é dar-se o tempo necessariamente longo para formar um ser humano autônomo, capaz de transformar-se ao transformar o mundo. (...)A formação da cidadania popular precisa ser vivenciada pelo sujeito para tornar-se reconhecível nela mesma.(...)A formação profissional dos trabalhadores, conforme a prática incipiente da educação popular nesta área, está na exigência prática e metodológica de que o curso de formação com operários deve ser democrático desde o início.(...) Diante da simultânea necessidade e impossibilidade de um diálogo autêntico, a educação pelo trabalho assumiu, em minha avaliação, o papel de tema gerador.

O conceito de *desemprego* relaciona-se com a construção de educação na tese, pela necessidade da *Oficina do Pão* existir para jovens e adolescentes, como necessária formação para algum tipo de trabalho. Ainda que esta oficina

tenha outros objetivos, é a realidade objetiva dos sujeitos envolvidos nesta oficina que faz-se sua razão de existir.

*Educativo*, em especial, tem relação com o lócus do processo educacional observado pelo pesquisador, configurando uma oficina de trabalho educativo. Neste intuito o autor desenvolve qual a sua concepção de trabalho educativo, suas possibilidades de formação do educando, observando aquele lugar em específico onde sua prática afirma que “As práticas do trabalho educativo são possíveis porque existem pessoas solidárias e desejosas de construir sua felicidade pessoal e social através delas.” Como quando fala qual o lugar do trabalho educativo na discussão de políticas públicas: “O trabalho educativo é uma prática sócio-pedagógica que se apresenta na interseção entre assistência social e educação, entre trabalho produtivo e formação da cidadania.” Por fim, o autor conclui o papel do trabalho educativo em uma sociedade de classe..

O trabalho educativo é uma tentativa pedagógica de superar a dicotomia entre a escola e vida, educação e trabalho, a “divisão do mundo da educação de um lado e do mundo do trabalho, de outro, que começa quando surgem as classes sociais e que, de lá pra cá, vem se separando cada vez mais.

*Adolescente* é conceito central para a construção de educação, por se estar na fase da adolescência o sujeito de análise da pesquisa, para tanto segundo o viés da educação popular são muitos os dados relevantes para quem realiza pesquisas com esta faixa etária, tais “*o homicídio é um dado relevante para a prática pedagógica porque 80% das mortes por homicídio no Brasil acontecem entre jovens de 15 a 18 anos.*”

Sobre trabalho infante-juvenil, os conceitos centrais são: *desemprego, valor, rua, assistencialismo, políticas públicas*. Repetidamente *desemprego* é um conceito central para realizarmos a compreensão de educação e t.i.j. simultaneamente. Nesta tese aparecendo especificamente como produtor do trabalho infante-juvenil.



As variáveis da pesquisa sobre o trabalho, não captam a realidade de marginalização e desigualdades seja no mercado formal ou informal do trabalho.(...) Um indicador é o desemprego verificado entre a população infanto-juvenil. Os dados disponíveis referem-se apenas a Região Metropolitana de Porto Alegre.

*Valor*, é conceito importante relacionado ao significado do trabalho infanto-juvenil, para a sociedade, para os jovens e para as instituições do Estado, que têm variáveis de valoração da exploração do trabalho de crianças e adolescentes. Sendo assim segundo o autor “*crianças sempre trabalharam no país e a tradição popular atribuía e continua atribuindo a este trabalho uma valoração positiva.*” Ainda que existam muitos valores ao t.i.j, existe uma questão que é mais exaltada pela análise do autor

O papel social do trabalho infanto-juvenil não se limita a realização da exploração capitalista mais vil e criminoso. É muito mais do que uma estratégia de sobrevivência da classe trabalhadora urbana brasileira. Muito mais do que isso, o trabalho de crianças pobres é, ao mesmo tempo, estratégia de inserção social das famílias.

Ou mesmo, o valor de disciplina e de retenção da marginalidade, como afirma em outro trecho: “*A família prefere uma criança trabalhando, em local e horário conhecidos, do que fazendo sabe-se lá o que na rua.*” Neste gancho, entramos com o conceito de *rua*, como lugar de moradia, de trabalho e/ou de vida de muitos sujeitos que não estão incluídos neste projeto de trabalho educativo. O autor debruça-se sobre esta discussão, que vê *na desestruturação familiar como causa da infância e da adolescência em situação de risco põe em evidencia a desestruturação do modo de produção burguês e, de forma secundária, a desestruturação da família.*

*Assistencialismo* entrelaça-se com *políticas públicas*. Em parte considerável de sua tese, o autor realiza uma análise da situação da execução de políticas públicas de atendimentos aos sujeitos em forma de debater uma necessária cidadania. Muitas vezes relata a partir de experiências próprias em sua

militância em órgãos do Estado, para fazer este debate de forma a demonstrar o caminho a se seguir na execução. Para tanto o autor entende as políticas públicas como forma de intervenção do Estado, em uma disputa pela exploração do trabalho de crianças e adolescentes...

Historicamente, portanto, os proprietários das fábricas e os proprietários das próprias crianças disputam entre si a exploração do trabalho infanto-juvenil, esta luta de classes impõe uma intervenção estatal pacificadora que vai conciliar diversos interesses antagônicos através da oferta de legislação sobre a escolaridade.

## 5. PENSANDO DIALETICAMENTE O QUE VIMOS....

Nesta parte final deste trabalho de Conclusão de Curso (TCC), me aventurarei em uma reflexão dialética sobre as análises que foram possíveis realizar, nunca com a pretensão de engessar o pensamento em algum ponto final. Para tanto é necessário ter presente todas as limitações que quatro meses de pesquisa apresentam a um estudante de graduação, afim que este trabalho sirva mais como um cerne de indagações para futuros questionamentos, do que verdades estanques.

Para tanto a utilização do método dialético em minha análise é fundamental para que possamos ver as múltiplas determinações em que tais fenômenos são compostos. Com o exercício do concreto, transformando em concreto pensado, abstraindo quando necessário, e materializando a luz da realidade observada.

O desafio de minha análise sempre foi realizar um quadro que refletisse da maneira mais fiel o pensamento em movimento do autor da tese estudada. Coloco esta questão como um desafio, pois não compreendo a ciência como algo passível de neutralidade, porém, para que eu pudesse chegar ao meu objetivo, não poderia eu analisar a produção antes de construir um quadro que fosse produto mais fiel do pensamento do autor.

A discussão a partir de trechos das obras e conceitos centrais foi um método que me possibilitou não escapar das palavras do autor da produção, apenas formalizando as relações expressas. Aí temos a grande importância da leitura ampla das teses selecionadas, sem a qual seria impossível compreender o todo do significado dos conceitos.

De alguns apontamentos possíveis, irei me deter nas discussões que expressam tendências mais gerais sobre a construção do fenômeno educação em teses de temática trabalho infanto-juvenil.

*Desemprego*, este foi um conceito pertinente em todas as produções analisadas. Tem sua importância tanto na construção de educação quanto na de

trabalho infanto-juvenil, aparecendo como um elemento estrutural da realidade que entrecruza nossos dois fenômenos de estudo. Refletiu algumas vezes como produtor da situação de exploração do trabalho infanto-juvenil, e em outras situações como produto.

Conceitos que refletiram as particularidades do processo educacional se materializaram em dois: rural e segregação. Que foram expressões do campo de análise que os autores trabalharam.

Mas qual foi a tendência do lócus de educação observado? Das quatro teses trabalhadas, duas analisaram o processo educativo dentro da escola, uma em uma oficina de trabalho educativo e outra em um Centro de Iniciação Profissional. Porém o que foi comum a todas, foi a referência na instituição escolar, mesmo quando não sendo esta o local de análise escolhido para pesquisa.

Foi comum a todas as teses a crítica à escola, principalmente no que diz respeito a sua relação de negação da condição de trabalhadores de seus estudantes. Com isso, temos uma categoria que podemos nomear como superação, que são conceitos retirados das obras que refletem um caminho para a superação da crítica feita ao processo educativo. São eles: *práxis, práticas sociais, emancipação, diálogo, formação humana, cuidado e afeto*. Todos estes estão relacionados a conclusões que os autores das produções acadêmicas chegaram de alteração da educação vigente, sempre tendo como eixo a escola como espaço que reflita a vivência do estudante.

Os sujeitos preferenciais de análise das teses foram os jovens, na faixa etária de 13 a 18 anos incompletos, que segundo o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) são denominados adolescentes. Sendo que das quatro teses analisadas, três tem este público-alvo.

A visão dos autores de crianças e adolescentes vistos como força de trabalho pelo espaço educativo, é passível de algumas constatações, visto a densidade do conceito utilizado. Problematizar a distinção entre mão-de-obra e força de trabalho, para nós é fundamental pois denota um entendimento do caráter de exploração daqueles sujeitos, incluídos em um sistema mais amplo. Diferente

de mão-de-obra de não necessariamente tem imbricado esta concepção mais ampla sobre a situação de exploração, e a discussão do caráter do sistema e modo de produção, e as classes sociais.

O que se demonstrou como uma tendência em todas as obras estudadas foi o interesse de pesquisa dos autores em compreender os sentidos que o trabalho infanto-juvenil tinha para os sujeitos envolvidos em suas análises. Neste movimento conceitos como: *moral, disciplina, responsabilidade, valor e necessidade*, são expressões desta discussão. Sendo constatado, em muitas análises, uma contradição entre a vida material dos sujeitos e os valores atribuídos ao trabalho precoce.

No que tange a atual relação entre educação e trabalho infanto-juvenil, apareceram dois conceitos que foram colocados como características de nossos dois fenômenos: flexibilização e precarização. Algumas vezes apontando a situação de precarização do espaço educativo e das condições de trabalho como produto do processo de flexibilização.

Ao final, retomar o que nos propúnhamos no início deste exercício de pesquisa é essencial para dar sentido a todas estas constatações realizadas. Foi da posição de futura educadora, num curso de formação de professores, com minha experiência em uma pesquisa de iniciação científica de temática de investigação do trabalho infanto-juvenil, cruzado pelo intelectual coletivo de extensões e pesquisas, que me dispus a realizar esta pesquisa.

Meu objetivo central foi a partir do fenômeno material social, educação, compreender como era o movimento de construção teórico dentro de tese com temática trabalho infanto-juvenil. E após leituras amplas, construção de quadros de análises e reflexões, visualizei tendências gerais, dentro de meu recorte, na concepção de educação em relação a situação da exploração do trabalho juvenil.

Sabendo das limitações temporais não findo com conclusões gerais sobre a organização teórica da relação trabalho e educação, mas sim realizando afirmações sobre o que foi possível observar.

Desenvolver a discussão do desemprego enquanto um elemento estrutural que atravessa tanto o processo educativo quanto a situação de

trabalhador da população brasileira é importante para termos análises que apontem para algum tipo de superação. O espaço escolar não pode continuar a invisibilizar a situação de nossas crianças e adolescentes, e também não deve ficar a mercê das demandas e necessidades de satisfação do mercado. Como foi possível observar nas análises das teses estudadas.

Para tanto, o que se coloca como urgente é um avanço na discussão desta realidade cada vez mais presente em nossos espaços educativos, tanto escola, como oficinas e centros de capacitação. Tornar nítidas as práticas sociais, principalmente as relacionadas ao trabalho, não significa ficar refém do mercado de trabalho, mas sim tornar a educação um espaço de vida. E radicalizar o direito das crianças e dos adolescentes a políticas públicas que não sejam enviesadas pelo assistencialismo pode significar movimentos de superação da situação de invisibilidade que vive sujeitos infanto-juvenis que tem sua força de trabalho explorada.

Dar visibilidade a esta situação é também ter produções acadêmicas que disputem ideologicamente a hegemonia de uma infância que não tem seu direito de ser infantil. Produzir teoricamente com o fim de contribuir para políticas de Estado que avancem na materialização do direito à educação sem privações por necessidade que deveriam ser atendidas pelo estado, deixando que crianças e adolescentes se fizessem realmente “sujeitos de direitos”.

Por último, estudar esta temática na graduação é necessário para a formação de professores, com o intuito da radicalização do espaço público e da produção do conhecimento em nossa universidade e seu papel social, compreendemos esta discussão como dever. Neste caso, o inédito dos trabalhos do grupo de pesquisa são um alerta para uma necessidade de rompimento do silêncio instaurado a respeito desta temática dentro da academia. Não podemos silenciar aquilo que pulsa da materialidade do cotidiano. Certa de que a partir do momento que nos determos em uma reflexão mais densa podemos não só contribuir para sua superação, bem como estar proporcionando uma formação mais humana, contrapondo-se ao pensamento linear, a-histórico e nada reflexivo sobre o que é real.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho.** 14ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

FONSECA, Laura Souza. **Trabalho infanto-juvenil: concepções, contradições e práticas políticas.**UFF, Niterói, 2006.

\_\_\_\_\_. **O tempo infanto-juvenil: provocações desde o campo empírico.** Porto Alegre, 2008.

\_\_\_\_\_. **Trabalho infanto-juvenil e formação humana: limites na potencia ontológica e banalização do sujeito de direitos.** Inédito. ANPED 2010.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A dupla face do trabalho: criação e destruição da vida.** In: A experiência do Trabalho e a educação básica.Gaudêncio Frigotto; Maria Ciavatta (orgs.) – Rio De Janeiro: DP&A, 2005, 2ed.

KUENZER, Acácia. **Educação e Trabalho no Brasil: o estado da questão.** Brasília, INEP, 1991.

MARX e ENGELS. **Textos sobre Educação e Ensino.** São Paulo: Moraes, 1992.

RIZZINI, Irene. **O elogio do Científico – a construção do “Menor” na Prática Jurídica.** In: A criança no Brasil hoje: desafio para o terceiro milênio. Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Úrsula, 1993.

SAVIANI, Demerval. **Trabalho e Educação: fundamentos ontológicos e históricos.** Revista Brasileira de Educação. 2007.

## ANEXOS

### Quadro de Análise

1. Título: **A Luta do Jovem Trabalhador e estudante nas Escolas Estaduais de Porto Alegre/RS – um estudo de caso.**

**Autor:** Janes Teresinha Fraga Siqueira

**Ano:** 2004

**Tipo:** Tese

<b>Metodologia (as)</b>	<b>Instrumentos</b>	<b>Marco Teórico</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• pesquisa qualitativa;</li><li>• estudo de caso;</li><li>• análise de conteúdos.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• entrevista semi-estruturada.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Marx;</li><li>• método materialista histórico;</li></ul>

<b>Conceitos Relacionadas à EDUCAÇÃO</b>	<b>Conceitos relacionadas a Trabalho Infante-Juvenil</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Força de trabalho;</li><li>• Neoliberalismo;</li><li>• Capitalismo globalizado;</li><li>• Práxis.</li><li>• Escola;</li><li>• Formação.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Desemprego;</li><li>• Flexibilização;</li><li>• Mercado;</li><li>• Neoliberalismo;</li><li>• Capitalismo globalizado;</li><li>• Responsabilidade;</li><li>• Necessidade;</li><li>• Alienação.</li></ul>

<b>Idéias sobre Educação</b>	<b>Idéias sobre T.I.J</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• A escola como um campo de</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• trabalho que estes jovens estão</li></ul>



intensos debates, e que enquanto professora devemos ter a estratégia de luta pela hegemonia ideológica.

- Caracteriza a escola como algo distante hoje da realidade concreta vivida pelos estudantes.
- A educação pelo trabalho proposta por Marx em nada tem a ver com a forma de exploração pela qual os jovens são expostos hoje em dia. A politecnia, por exemplo concebe as atividades de educação e trabalho como integrantes de um único processo, com articulação entre teoria e prática
- Em relação a educação o que vemos é um Estado que submete a educação ao ritmo do trabalho, tendo como prioridade as necessidade do mercado e não deixando escolhas de futuro para os jovens.
- a escola de hoje que nega o trabalho dos estudantes, nega o trabalho que vem gradativamente entrando através dos próprios estudantes dentro do espaço escolar.
- ambigüidade na preparação para o mundo do trabalho e para a continuidade dos estudos.
- A educação de jovens e adultos deve ser vista como uma especificidade que necessita além de bons debates, também de vontade política.
- as políticas de EJA em sua maioria têm o sentido utilitarista, produtivista e compensatório.

exposto a mesma pesquisa diz que é precário e muito vulnerável, com privações de direitos trabalhistas e jornadas superiores às permitidas.

- Outras pesquisas trazem dados sobre a situação do jovem no Brasil e suas dificuldades diárias, caracterizadas por um jovem exposto a vulnerabilidade que é praticada pelo próprio Estado Brasileiro com: desemprego, discriminação, jornada de trabalho, forma de contratação, falta de direitos, Estado que retira suas responsabilidades e as transfere para programas sociais questionáveis.
- . Primeira afirmação é que o trabalho é historicamente determinado, Marx ainda nos diz que a contradição apresentada pelo trabalho coloca-o como a manifestação da vida e também como expropriação de vida. O trabalho é a transformação da natureza pelo homem, humanização dessa natureza e comunhão entre os homens, o trabalho historicamente transformou-se, a partir do modo de produção que é uma especificidade histórica, sendo no capitalismo produto do aprofundamento de sua forma enquanto exploração.
- A centralidade do trabalho independe da forma de sociedade realmente existente.
- ...ao vermos as leis iremos identificar um processo de alteração quanto a possibilidade do trabalho do menor que tem sua restrição ligada sempre a realidade social existente na época.

<ul style="list-style-type: none"> <li>• dualidade estrutural dentro de nossas escolas.</li> <li>• A escola na esfera do trabalho produtivo tem como função a “produção do trabalhador”, produzindo um lugar específico para os jovens trabalhadores que a escola mesmo produz: trabalhos subalternos e precarizados.</li> <li>• É Marx que coloca as bases para sua concepção de educação unida ao trabalho produtivo e à concepção científica do mesmo, defendendo a combinação do trabalho com o ensino, desde a mais tenra idade como um dos meios para a transformação social.</li> <li>• Porque o que se vê nas escolas pesquisadas é que não temos currículos diferentes nas escolas de EJA, e que desrespeita os estudantes que trabalham o dia inteiro. O ensino que deveria ser diferente acontece de forma igual, não respeitando as especificidades necessárias.</li> <li>• A escola se submete ao mercado de trabalho.</li> <li>• A escola é um fenômeno composto por elementos como: currículo, dias letivos, formação de professores, planejamento, avaliação e etc.</li> <li>• os sentido que os jovens atribuem aos estudos:       <ol style="list-style-type: none"> <li>1. O estudo é fundamental;</li> <li>2. O estudo é tudo;</li> <li>3. É futuro;</li> <li>4. É zoeira;</li> </ol> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O T.I.J exerce uma função para o atual sistema, como forma mais fácil e barata das forças das classes pobres. Por isso o T.I.J tem uma relação com o desemprego de adultos e a necessidade de complementação de renda, fenômenos como terceirização, flexibilização, desemprego e privatização são pilares para a sustentação da exploração de crianças e jovens.</li> <li>• Sobre o local de trabalho, as funções que os sujeitos entrevistados exercem são as mais variadas, tendo destaque os que têm estágios, principalmente no setor terciário da economia, em particular o serviço público, aparecem também meninas envolvidas em trabalho doméstico, ou que são babás.</li> <li>• O trabalho das crianças e jovens em idade escolar é um fenômeno que se produz no modo de produção capitalista, na divisão do trabalho capitalista – causa mais profunda do aparecimento dessa forma de exploração de forma mais aprofundada.</li> <li>• Segundo a autora a utilização da mão-de-obra jovem é fundamental para manter o cerne deste sistema: obter lucro através da exploração do trabalho.</li> <li>• os jovens atribuem ao trabalho um sentido positivo, relacionado a:       <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Poder comprar coisas;</li> <li>2. Poder ajudar em casa;</li> <li>3. Melhorar sua vida social;</li> <li>4. Fazer amigos;</li> <li>5. Sentir-se responsável e</li> </ol> </li> </ul>
---	--

<p>5. É aprender para ter uma profissão.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>a escola como um contraponto: melhores condições de trabalho e formação continuada; currículo das escolas seja construído com base na realidade dos alunos e contemple as questões do mundo do trabalho e das relações de trabalho; redução da carga horária de trabalho; construção do projeto político pedagógico para a EJA.</li> </ul>	<p>respeitado;</p> <p>6. Aprendizagem no trabalho;</p> <p>7. Aprender a se relacionar com outras pessoas.</p>
--	---

2. Título: **PRÁTICA DO FAZER, PRÁTICA DO SABER: vivências e aprendizados coma infância do Corredor.**

**Autor (a) :** Georgina Helena Lima Nunes

**Tipo:** Tese

**Ano:** 2004

<b>Metodologia (as)</b>	<b>Instrumentos</b>	<b>Marco Teórico</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Metodologia em rede;</li> <li>Etnografia;</li> <li>observação participante;</li> <li>entrevista intensiva;</li> <li>análise dos documentos;</li> <li>e indução e descrição de grande quantidade de elementos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>observação;</li> <li>entrevista;</li> <li>anotações;</li> <li>fotografias.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Leitura do cotidiano: Michel de Certeau;</li> <li>Metodológico para pesquisa de caráter qualitativo etnográfico&gt;: Rubens Alves, Geertz; Zaluar e Cláudia Fonseca.</li> <li>Conceito de trabalho: Marx; Práticas educativas: Gramsci; Arroyo; Freire.</li> <li>Trabalhar com identidades: Malouf; Bhabha; Stuart Hall e Peter Mac Laresn;</li> <li>Relações Sociais: Appiah; Munanga; Fannon; Elisa</li> </ul>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cartografia.</li> </ul>		<p>Nascimento; Carlos Moura;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Relações de Gênero: Scott; Saffioth; Rufino; Schiebinger;</li> <li>• História: Áries. Jacinto Sarmiento; Vânia Araújo.</li> </ul>
--	--	---

<b>Conceitos Relacionadas à EDUCAÇÃO</b>	<b>Conceitos relacionadas a Trabalho Infanto-Juvenil</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Segregação;</li> <li>• Práticas sociais;</li> <li>• Formação humana;</li> <li>• Infância;</li> <li>• Diálogo.</li> <li>• Rural;</li> <li>• Emancipação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Segregação;</li> <li>• Práticas sociais;</li> <li>• Família;</li> <li>• Etnia;</li> <li>• Infância;</li> </ul>

<b>Idéias sobre Educação</b>	<b>Idéias sobre Trabalho infanto-juvenil</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• escola que se mantém a parte da vida da comunidade apresentada e que não reconhece seus estudantes como trabalhadores, e que não absorve o trabalho enquanto um conteúdo pedagógico.</li> <li>• quanto a escola tem o papel de castradora quanto ao direito de fala dos estudantes.</li> <li>• formação humana, que a autora busca em Arroyo (1999) para falar da necessária compreensão da escola para com estes sujeitos, e a ação atenta de suas práticas sociais que educam;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O trabalho é visto pela comunidade como um disciplinador, portanto a ausência do mesmo é vista como um risco, que acaba por violentar a todos;</li> <li>• anuncia um sentimento que é possível verificar de “retribuição” aos pais, das crianças que vão para o trabalho desde cedo, observável em atos, gestos e falas.</li> <li>• Em sua maioria carrega consigo uma moral capitalista, que mistura trabalho, com esforço, com mérito e honestidade, sempre combatendo o medo de ser “o preguiçoso”.</li> <li>• trabalho diário”, não é trabalho</li> </ul>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• o problema do determinismo presente dentro dos espaços escolares.</li> <li>• Par a superação dos problemas apresentados a autora cita a urgente necessidade de uma sensibilidade que de visibilidade aos processos educativos que acontecem dentro e fora do contexto escolar.</li> <li>• conteúdos mortos, e que sobrevivem apenas de retóricas.</li> <li>• o tempo escolar sr um tempo de dignidade e não de afirmação da miséria que vive.</li> <li>• A negligencia frente a esta situação é denunciada pelos próprios sujeitos que sofrem com ela, o silenciamento da escola é contrária a ação de uma escola que esteja comprometida em capturar a vida de seus educandos, refleti-la.</li> <li>• A escola apresenta uma grande dificuldade em encarar um currículo que inclua a cultura negra, e as possibilidades deste tema não servir para uma suposta valorização dos negros, de sua auto-estima, e sim algo que acabe por ser folclórico.</li> <li>• para a escola como um espaço que precisa ouvir as práticas sociais e ser disseminador de relações mais solidárias, respeitosas e emancipatórias, fugindo da exploração e do preconceito.</li> <li>• Continuar na escola, continuar ou não a ser trabalhador temporário, são processos que poderiam ser</li> </ul>	<p>assalariado, pois aqueles sujeitos não tem salários fixos, direitos, constituindo mais uma forma de trabalho precário;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “escravidão capitalista;</li> <li>• O trabalho infanto-juvenil atravessa as relações familiares: Os pais contam com a mão de obra dos filhos enquanto recurso para forjar a sobrevivência da família, e na mesma proporção, os filhos reconhecem o esforço até então despendido dos pais para criá-los e pensam em um futuro trabalho a fim de retribuir-lhes. As crianças, desde muito cedo inseridas no trabalho, vendem aos doze anos a sua força de trabalho pelo mesmo valor de um adulto, para tanto, a intensidade de trabalho deve assemelhar-se à dos pais. Chegam na escola freqüentemente machucados, ou judiados, como gostam de dizer.</li> <li>• há dois significados centrais para o trabalho, visto pelos sujeitos de pesquisa: trabalho enquanto liberdade e trabalho enquanto escravidão, sendo a maior escola, a “escola da vida”.</li> <li>• Esta criança trabalhadora também constrói sua infância través do mundo da fantasia, com um misto de lúdico e de sobrevivência</li> <li>• Um corpo, que segundo a autora, é marcado por suas relações, principalmente com o trabalho.</li> <li>• O mundo do trabalho é atrelado ao mundo da infância. O corpo biologicamente frágil das crianças insere-se no trabalho agrícola desde, pode-se dizer, os tempos intra-uterinos,</li> </ul>
--	---

identificados como decorrentes de um duplo processo de exclusão: inserção extremamente desfavorável no mercado de trabalho que tem como consequência a exclusão do mercado consumidor. Estar fora do mercado consumidor significa estar à margem do mercado e das relações reconhecidas pelo status quo.

- superação de um “olha viciado” dos docentes sobre uma realidade que aparentemente não apresenta superação;
- o trabalho totalmente fora da escola, enquanto ele deveria constar como “preparação para a vida através de um mundo real do trabalho e por vezes do não-trabalho, cujas profissões a escola ignora.”pg.110 Assim a escola se apresenta para as crianças negras como uma prisão, enquanto o trabalho tem o sentido de liberdade.
- uma escola rural que insira o mundo do trabalho em seus bancos escolares, e que acolha as diferenças.
- Atuando com uma pedagogia da exclusão, que torna o inocente em culpado, utilizando a lógica excludente e culpabilizadora, “uma infância negada”.
- A escola pública e seu papel histórico de domesticação, formação de força de trabalho necessária ao capital, não atende às particularidade da vida humana. Esta mesma escola pública, para os sujeito de pesquisa,

quando suas mães abandonavam o trabalho quase na hora de dar a luz. Na condição de trabalhadores que não possuem terra, que antigamente sobreviviam através do trabalho agregado e hoje na situação de posseiros, essas famílias dependem, radicalmente para viver.. (T.I.J)p. 148

- existem positividade nessa relação entre infância e trabalho. Os sujeitos nessa relação não apenas sofrem o adestramento, são criadas algumas expectativas e as relações interpessoais são relativamente menos obstaculizadas pelas questões étnicos/raciais, de gênero e de classe. (
- O trabalho, constituído dentro da moral burguesa, acaba por ser uma qualidade para o pobre, e crianças tem sua força de trabalho mais valorizada a partir do momento que vão crescendo na participação das tarefas.
- o trabalho como princípio educativo e preocupando com uma formação humana.

não os impediam de entrar pelo seu (não) reconhecimento, porém mesmo lá dentro não lhes era permitido aprender e/ou permanecer.

- Este sub-ponto é sobre a experiência de Educação de Jovens e Adultos que teve naquele espaço, que acabou por se configurar como tentativas que não foram concluídas, principalmente pela impossibilidade de conciliar trabalho e estudo.
- a autora afirma que para as crianças trabalhadoras negras vencerem o período escolar necessitam de muita disciplina.
- Traduzindo nossa escola de hoje, a autora fala de uma escola invisível para o conhecimento que os alunos trazem consigo, uma escola do pensamento único, de igual idioma mas de fala contrária. Uma escola sem vida que demoniza o diferente, uma educação que não é plural tampouco rural.
- Porém a escola é um espaço de luta pedagógica, produção do conhecimento que pode ser dialético, diferente da que temos hoje que impossibilita educar-se a si mesma de uma forma rural, plural e emancipatória.
-

3. Título: **JOVENS: a educação, o cuidado e o trabalho como éticas de ser e estar no mundo**

**Autor (a):** Dinora Tereza Zucchetti

**Tipo:** Tese

**Ano:** 2002

<b>Metodologia (as)</b>	<b>Instrumentos</b>	<b>Marco Teórico</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>pesquisa qualitativa</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>entrevistas</b></li> <li>• <b>diário de campo</b></li> <li>• <b>entrevistas-diálogos</b></li> <li>• <b>questionário fechado</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Morin;</b></li> </ul>

<b>Conceitos Relacionadas à EDUCAÇÃO</b>	<b>Conceitos relacionadas a Trabalho Infanto-Juvenil</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>ética</b></li> <li>• <b>juventude</b></li> <li>• <b>formação profissional</b></li> <li>• <b>desemprego</b></li> <li>• <b>educativo</b></li> <li>• <b>assistencialismo</b></li> <li>• <b>cuidado</b></li> <li>• <b>afeto</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>desemprego</b></li> <li>• <b>valor</b></li> <li>• <b>educativo</b></li> <li>• <b>Precarização</b></li> <li>• <b>moral</b></li> <li>• <b>disciplina</b></li> <li>• <b>emprego</b></li> </ul>

<b>Idéias sobre EDUCAÇÃO</b>	<b>Idéias sobre o trabalho infanto-juvenil</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Formação para o trabalho que acontece num tempo onde tem sido possível, ao menos discursivamente, falar da perda da centralidade do trabalho, também marcado pela precarização do emprego e pela flexibilização das relações de</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>(ASBEM)Em nome do trabalho formador de caráter preventivo à marginalidade, instituía-se o trabalho infantil protegido.</b></li> <li>• <b>No seu extremo e sua desproporção, a presença do trabalho infanto-juvenil desde a mais tenra infância, presente de</b></li> </ul>



<p>trabalho.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A formação profissional ainda tem sido realizada desvinculada da escola, demonstrando o quanto os sistemas de educação e formação estão dissociados.</li> <li>• ... pensar uma política pública de Formação Profissional que tenha, em si, a articulação entre o assistir e o educar...</li> <li>• Políticas públicas atuais prevalece a concepção de uma educação mínima para a formação de cidadãos mínimos.</li> <li>• <b>Anos 80 e 90</b> – idéia da educação continuada e da importância da formação profissional para (re) qualificar os quadros de trabalhadores, de desempregados, de mão-de-obra informal e de mão-de-obra jovem.</li> <li>• Vieses assistencialistas marcaram a formação profissional no Brasil.</li> <li>• A necessidade de uma educação geral tornando o trabalhador mais perspicaz diante das mudanças dos processos produtivos.</li> <li>• Para sujeitos incluídos de forma precária, seja pela situação escolar, seja pela situação de trabalho precoce, ou pela situação socioeconômica colocada como limitadora.</li> <li>• A formação profissional oferecida pelo CIP ao jovens e adolescentes parece ser mais intuitiva, trabalhada a partir da experiência profissional de</li> </ul>	<p>forma mais contundente entre as populações mais empobrecidas, demonstra iniciativas concretas no sentido de preparar a criança para a presença do trabalho durante toda a vida.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Pluralidade de sentidos que justificam o trabalho entre jovens e adolescentes como um valor moral e humano, bem como o fazer de uma instituição; MORAL/VALO</li> <li>• Em geral, as famílias se preocupam em disciplinar seus filhos para que dominem melhor as leis do mercado...</li> <li>• Há um descompasso entre a lei e a realidade, uma vez que jovens adolescentes tem ingressado em número cada vez maior no mercado informal de trabalho, onde a idade de ingresso nem sempre é observada.</li> <li>• Para os jovens, o trabalho vem com certa independência econômica, que , mesmo que parcial, à medida que ingressam no trabalho, passem também a contribuir com a renda familiar... criando um status de maior importância no grupo familiar.</li> <li>• E, com a crescente incorporação dos jovens no sistema educativo, consolida-se cada vez mais o binômio escola-trabalho, no entanto, numa inserção profissional que se dá crescentemente, nas bordas do mercado informal.</li> <li>• Diferem os sentidos do trabalho para famílias e para o adolescente: para a família o trabalho do adolescente ou mesmo o trabalho da criança está marcado pela moral do trabalho</li> </ul>
---	--

<p>cada um, mais do que sistematizada a partir das contribuições de autores que estudam a temática.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O CIP tem seu projeto educativo assentado no trabalho.</li> <li>• A escola que se vê como o espaço de resistência ao trabalho deformador é que vai organizando o Ensino Técnico Profissional, entre as décadas de 20 a 60 do século XX.</li> <li>• A formação enquanto política pública vem transformando o trabalho em valor de política pública assistencialista.</li> <li>• A formação para o trabalho para jovens e adolescentes de baixa escolaridade e de origem socioeconômica desfavorável nem sempre está vinculada a algum espaço de formação instituído. Normalmente o aprendizado acontece na prática, no trabalho mesmo, geralmente trabalho desqualificado e na economia informal.</li> <li>• A partir das falas dos jovens, as únicas referências à escola reportam-se à necessidade de ter escolaridade para ingressar no mundo do trabalho ou para manter-se no emprego. Atréados a melhoria de vida, e também a possibilidade de ascensão social.</li> <li>• A importância da educação para que a tríade indivíduo/sociedade/espécie aprenda uma ética do gênero humano, a qual</li> </ul>	<p>socializador e formador do caráter, muitas vezes também valorizado pelo seu aspecto de fadiga.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Trata-se da construção de um conceito de trabalho educativo que tem, no sentido da técnica, seu forma objetiva, e no sentido da moral do trabalho, sua forma subjetiva.</li> <li>• Para a maioria dos jovens e adolescentes, a possibilidade de não terem trabalho, no sentido de emprego, pode representar a repetição de histórias, quer seja no tempo atual, quer seja na projeção de seu futuro ao constituírem suas famílias e terem seus próprios filhos.</li> <li>• A caracterização do trabalho doméstico não é muito fácil de ser apreendida como trabalho.</li> <li>• A liberdade como um fim que impossibilita o questionamento das dificuldades das condições de trabalho para a maioria das mulheres, a baixa remuneração, a dupla jornada, entre outras questões.</li> <li>• Embora os jovens atribuam muitos sentido positivos ao trabalho, eles não falam do trabalho infantil como um tempo de possibilidades.</li> <li>• Os números sobre o trabalho infantil devem ser ainda maiores dos que os apresentados oficialmente, trabalhos que acabam por não compor as estatísticas oficiais porque são do âmbito do privado, da família e , muitas vezes, nem são considerados como trabalho, da mesma forma que o trabalho da mulher dona de</li> </ul>
---	--

<p>ele denomina de ética da compreensão.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Sabe-se que a formação profissional não gera empregos, mas sabe-se também que uma formação profissional bem fundamentada cria oportunidades de competitividade e também de competências para o mercado de trabalho, além do que , hoje a nova LDBEN, a educação profissional, embora no nível básico, é reconhecida e confere certificado de qualificação profissional.</li> <li>• A fragilidade dos vínculos entre jovens adolescentes e a instituição escola, é uma realidade que passa a ser mais um elemento vulnerabilizador da juventude.</li> <li>• Há uma pedagogia da complexidade a ser (re) inventada que considere agora a centralidade do trabalho não mais como o centro regulador de todas as relações sociais, mas o direito ao trabalho/ocupação como forma de ser no mundo. Todos os que estão a procura de trabalho, diariamente, meses a fio, traduzem esta dimensão.</li> <li>• O CIP, espaço público por excelência, lugar de convivência , do bem comum, da formação humana, das relações sociais, da promoção da autonomia política e moral, base da cidadania, constitui-se numa articulação entre o público e o privado.</li> </ul>	<p>casa não é considerado trabalho.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Para as famílias o trabalho precoce é algo necessário.</li> <li>• É possível afirmar, que pela constituição de uma rede de sentidos sobre o trabalho, materializam-se interpretações sobre o cuidado, o controle e os rótulos, transversalizados pela presença de uma instituição</li> <li>• A fragilidade dos vínculos empregatícios e as demais realidades apreendidas pela presente pesquisa sugerem a presença do trabalho precarizado entre boa parte dos jovens pesquisados.</li> <li>• A realidade do trabalho precoce e a precária e desqualificada inserção no mercado de trabalho com a conseqüente baixa remuneração, apontando a possibilidade de o trabalho assumir valor de ocupação.</li> <li>• Entre os jovens, a inclusão no trabalho e no emprego é, sem dúvida, uma reconhecida experiência de cidadania.</li> </ul>
---	--

--	--

**4. Título: NEM SÓ PÃO – fundamentação da ética pedagógica do trabalho educativo**

**Autor:** Evaldo Luis Pauly

**Tipo:** Tese

**Ano:** 2000

<b>Metodologia (as)</b>	<b>Instrumentos</b>	<b>Marco Teórico</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• a pesquisa é qualitativa;</li> <li>• autobiografia</li> <li>• quantitativa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• entrevista semi-estruturada.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Paulo Freire</li> <li>• Bourdieu</li> </ul>

<b>Conceitos Relacionadas à EDUCAÇÃO</b>	<b>Conceitos relacionadas a Trabalho Infanto-Juvenil</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• ética</li> <li>• desemprego</li> <li>• educativo</li> <li>• cuidado</li> <li>• diálogo</li> <li>• direitos</li> <li>• democracia</li> <li>• adolescente</li> <li>• fé cristã</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• desemprego</li> <li>• valor</li> <li>• educativo</li> <li>• adolescente</li> <li>• rua</li> <li>• assistencialismo</li> <li>• políticas públicas</li> </ul>

Idéias sobre EDUCAÇÃO	Idéias sobre TRABALHO INFANTO-JUVENIL
<ul style="list-style-type: none"> <li>• As práticas do trabalho educativo são possíveis porque existem pessoas solidárias e desejosas de construir sua felicidade pessoal e social através delas.</li> <li>• O trabalho educativo é uma prática sócio-pedagógica que se apresenta na interseção entre assistência social e educação, entre trabalho produtivo e formação da cidadania.</li> <li>• Na educação popular o trajeto da vida é o fundamento do projeto ético-pedagógico.</li> <li>• A trajetória do campo pastoral para o educacional, é mais um pequeno exemplo da proximidade entre a experiência educativa e a experiência religiosa. A educação popular é uma política que tem derivações pedagógicas.</li> <li>• Educação é dar-se o tempo necessariamente longo para formar um ser humano autônomo, capaz de transformar-se ao transformar o mundo.</li> <li>• A formação da cidadania popular precisa ser vivenciada pelo sujeito para tornar-se reconhecível nela mesma.</li> <li>• A educação pelo trabalho pretende colocar nas entranhas do adolescente o que lá já está: a eticidade cidadã que, no entanto, aparenta-lhe ser estranha.</li> <li>• Sucesso na escola e direito de</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 7 milhões de indivíduos representam a soma dos trabalhadores infanto-juvenis no Brasil em 1986.</li> <li>• As variáveis da pesquisa sobre o trabalho, não captam a realidade de marginalização e desigualdades seja no mercado formal ou informal do trabalho. Um indicador é o desemprego verificado entre a população infanto-juvenil. Os dados disponíveis referem-se apenas a Região Metropolitana de Porto Alegre.</li> <li>• Um resposta que coincide com o senso comum é aquela que justifica a saída da escola como necessidade para ingressar no mundo do trabalho. A moralidade da escravidão pode estar associada à exploração do trabalho infanto-juvenil por razões econômicas.</li> <li>• Assim como os escravos antes, também as crianças e os adolescentes assim tratados nos dias atuais vão buscar e encontrarão alguma forma de fuga.</li> <li>• Historicamente, portanto, os proprietários das fábricas e os proprietários das próprias crianças disputam entre si a exploração do trabalho infanto-juvenil, esta luta de classes impõe uma intervenção estatal pacificadora que vai conciliar diversos interesses antagônicos</li> </ul>

<p>sucessão talvez sejam condição um do outra na sociedade contemporânea.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O objetivo do sistema educacional era o de qualificar para o trabalho. Na visão da Comissão, o processo de trabalho existente no país decorria da importação da “tecnologia existente” nos países desenvolvidos, dispensando o Brasil da custosa “criação de um processo industrial original”. Portanto, bastava a mão-de-obra nacional estivesse capacitada para operacionalizar a tecnologia importada.</li> <li>• Evidencia-se o fracasso da escola e não do escolar. Entre crianças na faixa dos 9 aos 11 anos apenas 18% responderam que não gostavam de estudar.</li> <li>• Para a Educação Popular o homicídio é um dado relevante para a prática pedagógica porque 80% das mortes por homicídio no Brasil acontecem entre jovens de 15 a 18 anos.</li> <li>• A formação profissional dos trabalhadores, conforme a prática incipiente da educação popular nesta área, está na exigência prática e metodológica de que o curso de formação com operários deve ser democrático desde o início.</li> <li>• Diante da simultânea necessidade e impossibilidade de um diálogo autêntico, a educação pelo trabalho assumiu, em minha avaliação, o</li> </ul>	<p>através da oferta de legislação sobre a escolaridade.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Crianças sempre trabalharam no país e a tradição popular atribuía e continua atribuindo a este trabalho uma valoração positiva.</li> <li>• Pelas informações da Organização Internacional do Trabalho, as formas mais aviltantes de exploração do trabalho infanto-juvenil na América Latina são as crianças trabalhadoras de rua.</li> <li>• O trabalhador adolescente em regime familiar está vinculado à oficinas, escritórios ou propriedade rural, em que trabalhem exclusivamente pessoas de sua família e esteja sob a direção do pai, mãe ou tutor.</li> <li>• Se dependesse da decisão das entidades e dos adolescentes todos estaríamos trabalhando com computadores. A escolha do tipo de trabalho depende das condições que sempre aleatórias.</li> <li>• ... a desestruturação familiar como causa da infância e da adolescência em situação de risco põe em evidencia a desestruturação do modo de produção burguês e, de forma secundária, a desestruturação da família.</li> <li>• Aparentemente, havendo melhor remuneração, a dupla jornada de trabalho diminuiria, muitos aposentados assumiriam o gozo do descanso na velhice e muitas</li> </ul>
---	---

<p>papel de tema gerador.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O trabalho educativo é uma tentativa pedagógica de superar a dicotomia entre a escola e vida, educação e trabalho, a “divisão do mundo da educação de um lado e do mundo do trabalho, de outro, que começa quando surgem as classes sociais e que, de lá pra cá, vem se separando cada vez mais.</li> <li>• A fala de política educacional pública para a formação escolar dos trabalhadores, segundo a interpretação dos sindicalistas, leva os pais a procurarem o trabalho como meio de promover o desenvolvimento infantil e levar seus filhos á maturidade.</li> </ul>	<p>crianças voltariam a brincar.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Os trabalhadores infantis são, na maioria absoluta, meninos, pois a pesquisa afirma que os dois terços destas crianças são do sexo masculino. A masculinização do trabalho infantil pode ser decorrência do fato cultural de não ser considerado trabalho a prestação regular de serviços domésticos – uma atividade quase que exclusivamente feminina.</li> <li>• O número de crianças e adolescentes trabalhadores vem diminuindo no Brasil.</li> <li>• O trabalho faz mal para a criança, impedindo de ser uma boa trabalhadora na idade adulta.</li> <li>• É evidente que há tanto crianças e adolescentes brasileiros que trabalham por absoluta e total necessidade econômica quanto há aquelas que trabalham apenas pela concepção cultural de socialização de suas famílias. Necessidade e prazer nem sempre são incompatíveis. Cultura e economia são expressão do trabalho, do ato unicamente humano de transformar a natureza pelo desejo que move as mãos.</li> <li>• O papel social do trabalho infanto-juvenil não se limita a realização da exploração capitalista mais vil e criminosa. É muito mais do que uma estratégia de sobrevivência da classe trabalhadora urbana brasileira. Muito</li> </ul>
--	--

	<p>mais do que isso, o trabalho de crianças pobres é, ao mesmo tempo, estratégia de inserção social das famílias.</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Contrariando o senso comum que atribui o trabalho infanto-juvenil ao fato de os pais estarem desempregados ou serem miseráveis, esta população não trabalha no lugar dos pais.</li><li>• Sobre a natureza do trabalho exercido pelas crianças e pelos adolescentes já se destacou que é o que equivale ao do adulto.</li><li>• A família prefere uma criança trabalhando, em local e horário conhecidos, do que fazendo sabe-se lá o que na rua.</li><li>• A pesquisa do IBGE sobre o mercado informal não concluiu as atividades criminosas como o tráfico de drogas, o mercado negro e as empregadas domésticas sem carteira assinada, não entraram no estudo.</li></ul>
--	--